



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
3º LEVANTAMENTO

Dezembro 2025

volume 13

NÚMERO

3

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Laisa Faria Viana (Inmet), Leandro Mene-gon Corder (Gefab – trigo), João Figueiredo Ruas (Gerpa – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
3º LEVANTAMENTO

Copyright © 2025– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 3 terceiro levantamento, dezembro 2025.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
28	ARROZ
41	FEIJÃO
57	MILHO
73	SOJA
88	TRIGO
96	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
102	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A terceira estimativa, da safra 2025/26, indica um volume de produção de 354,4 milhões de toneladas, representando um aumento de 0,6%, ou 2,2 milhões de toneladas, em relação à safra 2024/25. Em comparação com a divulgação anterior, considerando o avanço da semeadura e as condições climáticas, observam-se pequenas alterações com redução de pouco mais de 440 mil toneladas. Destaque para a fase final da colheita das culturas de inverno da safra 2024/25 que, neste momento, têm o resultado replicado para a safra 2025/26, e apresentaram produtividades melhores do que as da safra passada.

O crescimento contínuo da área cultivada, verificado nos últimos 15 anos, mantém-se com o aumento previsto em 3% sobre a área da safra 2024/25. Estima-se um total de 84,2 milhões de hectares na atual safra, o que corresponde à expansão de 2,5 milhões de hectares em relação ao ciclo anterior. O plantio das culturas de primeira safra, como o arroz, feijão, milho e soja, avançam de acordo com as condições climáticas de cada região e, no início de dezembro, encontravam-se levemente abaixo dos patamares observados no mesmo período da safra passada.

Além das culturas de primeira safra, cuja semeadura está em fase conclusiva,

a área estimada também inclui as culturas de segunda e terceira safras, assim como as de inverno, cujos plantios seguirão até junho. Dessa forma, a área atualmente projetada ainda poderá sofrer ajustes devido a variáveis, como o comportamento do mercado, as condições climáticas e outros fatores.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Produto	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.100,2	0,7	2.773	2.674	(3,6)	5.782,8	5.615,7	(2,9)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.100,2	0,7	1.954	1.885	(3,5)	4.076,1	3.959,6	(2,9)
AMENDOIM TOTAL	280,4	282,4	0,7	4.136	4.039	(2,3)	1.159,7	1.140,5	(1,7)
Amendoim 1ª Safra	273,1	275,1	0,7	4.202	4.102	(2,4)	1.147,6	1.128,5	(1,7)
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.668	0,3	12,1	12,0	(0,8)
ARROZ	1.763,9	1.621,3	(8,1)	7.233	6.890	(4,7)	12.757,7	11.170,2	(12,4)
Arroz sequeiro	394,6	342,7	(13,2)	2.935	2.834	(3,4)	1.158,2	971,1	(16,2)
Arroz irrigado	1.369,3	1.278,6	(6,6)	8.471	7.977	(5,8)	11.599,5	10.199,1	(12,1)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.630,0	(2,3)	1.137	1.142	0,5	3.060,6	3.004,4	(1,8)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	796,0	(12,4)	1.170	1.183	1,1	1.062,7	941,6	(11,4)
Cores	347,3	321,4	(7,5)	1.707	1.767	3,5	592,8	568,0	(4,2)
Preto	169,0	119,0	(29,6)	1.953	1.754	(10,2)	330,2	208,6	(36,8)
Caupi	392,2	355,6	(9,3)	356	464	30,2	139,7	164,8	18,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.407,1	0,5	953	967	1,5	1.333,6	1.360,2	2,0
Cores	294,6	297,9	1,1	1.499	1.501	0,1	441,6	447,1	1,2
Preto	286,6	292,4	2,0	1.616	1.658	2,6	463,2	485,0	4,7
Caupi	818,9	816,8	(0,3)	524	524	0,1	428,9	428,1	(0,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.728	1.646	(4,8)	664,4	702,6	5,7
Cores	326,5	361,0	10,6	1.883	1.802	(4,3)	614,9	650,6	5,8
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	608,0	-	657	657	-	399,4	399,4	-
GIRASSOL	61,9	63,8	3,1	1.622	1.598	(1,5)	100,4	101,9	1,5
MAMONA	69,6	76,1	9,3	1.437	1.938	34,8	100,0	147,4	47,4
MILHO TOTAL	21.842,3	22.727,9	4,1	6.457	6.111	(5,4)	141.037,4	138.879,0	(1,5)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.043,1	7,2	6.610	6.408	(3,1)	24.935,8	25.907,0	3,9
Milho 2ª Safra	17.430,3	18.092,7	3,8	6.496	6.105	(6,0)	113.228,4	110.461,0	(2,4)
Milho 3ª Safra	639,4	592,1	(7,4)	4.494	4.241	(5,6)	2.873,4	2.510,9	(12,6)
SOJA	47.346,1	48.935,6	3,4	3.622	3.620	(0,1)	171.480,5	177.123,6	3,3
SORGO	1.632,0	1.796,0	10,0	3.739	3.684	(1,5)	6.102,2	6.616,0	8,4
SUBTOTAL	78.382,8	80.841,3	3,1	4.363	4.258	(2,4)	341.980,7	344.198,1	0,6
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	528,4	528,4	-	2.406	2.406	-	1.271,3	1.271,3	-
CANOLA	211,6	211,6	-	1.534	1.534	-	324,5	324,5	-
CENTEIO	2,1	2,1	-	2.333	2.333	-	4,9	4,9	-
CEVADA	138,2	138,2	-	4.310	4.310	-	595,7	595,7	-
TRIGO	2.444,6	2.444,6	-	3.257	3.257	-	7.961,2	7.961,2	-
TRITICALE	11,2	11,2	-	3.268	3.268	-	36,6	36,6	-
SUBTOTAL	3.336,1	3.336,1	-	3.056	3.056	-	10.194,2	10.194,2	-
BRASIL (2)	81.718,9	84.177,4	3,0	4.310	4.210	(2,3)	352.174,9	354.392,3	0,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em dezembro/2025.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.356,6	6,7	3.804	3.660	(3,8)	22.664,3	23.264,5	2,6
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.259,0	1,3	4.369	4.255	(2,6)	5.429,7	5.356,8	(1,3)
AC	68,7	73,5	7,0	3.082	3.143	2,0	211,7	231,0	9,1
AM	28,6	32,8	14,7	3.024	2.939	(2,8)	86,5	96,4	11,4
AP	14,0	16,0	14,3	2.143	2.231	4,1	30,0	35,7	19,0
PA	2.023,8	2.238,3	10,6	3.480	3.277	(5,8)	7.042,0	7.335,4	4,2
TO	2.408,6	2.555,5	6,1	3.808	3.720	(2,3)	9.172,1	9.507,5	3,7
NORDESTE	10.045,9	10.385,4	3,4	3.115	3.148	1,1	31.292,0	32.691,2	4,5
MA	2.257,6	2.355,9	4,4	3.895	3.756	(3,6)	8.792,4	8.848,6	0,6
PI	1.942,6	2.008,9	3,4	3.221	3.379	4,9	6.258,0	6.787,6	8,5
CE	938,7	935,5	(0,3)	379	620	63,4	356,1	579,8	62,8
RN	112,6	107,1	(4,9)	274	393	43,7	30,8	42,1	36,7
PB	224,2	226,1	0,8	388	531	36,8	87,0	120,0	37,9
PE	370,7	370,7	-	947	929	(1,9)	351,1	344,5	(1,9)
AL	59,3	60,2	1,5	3.578	2.654	(25,8)	212,2	159,8	(24,7)
SE	199,0	199,0	-	5.992	5.962	(0,5)	1.192,4	1.186,5	(0,5)
BA	3.941,2	4.122,0	4,6	3.555	3.547	(0,2)	14.012,0	14.622,3	4,4
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.935,9	3,3	4.882	4.610	(5,6)	179.288,7	174.903,4	(2,4)
MT	22.300,1	22.813,8	2,3	5.040	4.738	(6,0)	112.395,7	108.087,4	(3,8)
MS	6.645,0	7.018,2	5,6	4.303	4.094	(4,9)	28.596,4	28.732,4	0,5
GO	7.593,0	7.915,9	4,3	4.921	4.698	(4,5)	37.365,1	37.188,0	(0,5)
DF	186,4	188,0	0,9	4.997	4.764	(4,7)	931,5	895,6	(3,9)
SUDESTE	6.994,0	7.229,1	3,4	4.311	4.215	(2,2)	30.153,3	30.467,4	1,0
MG	4.298,0	4.454,9	3,7	4.283	4.198	(2,0)	18.408,6	18.701,5	1,6
ES	25,2	25,9	2,8	2.829	2.653	(6,3)	71,3	68,7	(3,6)
RJ	2,8	3,0	7,1	3.286	3.500	6,5	9,2	10,5	14,1
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.257	(2,6)	11.664,2	11.686,7	0,2
SUL	21.996,1	22.270,4	1,2	4.036	4.179	3,5	88.776,6	93.065,8	4,8
PR	9.954,2	10.072,2	1,2	4.492	4.459	(0,7)	44.711,1	44.908,7	0,4
SC	1.429,0	1.444,4	1,1	5.689	5.157	(9,4)	8.129,1	7.448,4	(8,4)
RS	10.612,9	10.753,8	1,3	3.386	3.786	11,8	35.936,4	40.708,7	13,3
NORTE/NORDESTE	16.004,3	16.742,0	4,6	3.371	3.342	(0,9)	53.956,3	55.955,7	3,7
CENTRO-SUL	65.714,6	67.435,4	2,6	4.538	4.426	(2,5)	298.218,6	298.436,6	0,1
BRASIL	81.718,9	84.177,4	3,0	4.310	4.210	(2,3)	352.174,9	354.392,3	0,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em dezembro/2025.



INTRODUÇÃO

Apresentamos o terceiro levantamento da safra 2025/26, em um momento em que o plantio da primeira safra se encaminha para a fase final e a área total cultivada começa a se consolidar. Assim, atualizamos as informações sobre o andamento do plantio e desenvolvimento inicial das principais culturas anuais cultivadas, bem como as estimativas de área e produção.

Este levantamento foi realizado durante a última semana de novembro e ainda mantém relação com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, divulgadas em setembro deste ano, principalmente em relação à produtividade.

Para as culturas de terceira safra e inverno, da temporada 2024/25, que ainda seguem em campo, esse levantamento trouxe ajustes de produtividade, enquanto a colheita aproxima-se da finalização. As primeiras estimativas para a nova safra das culturas de inverno serão divulgadas apenas em fevereiro e, por enquanto, adota-se o estimado para a safra 2025 como base para a previsão para 2026.

A Conab reconhece e agradece o papel fundamental dos colaboradores em todas as Unidades da Federação, no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de

diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitem estimar a safra brasileira de grãos.

Como parte da metodologia da estimativa, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais,

observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE NOVEMBRO

Em novembro de 2025, os maiores acumulados de chuva ocorreram no centro-norte da Região Norte, parte norte de Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, no centro-sul de Mato Grosso do Sul, na porção central de Minas Gerais, sul de São Paulo e Paraná, com totais superiores a 150 mm, favorecendo a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Por outro lado, a maior parte da Região Nordeste registrou volumes inferiores a 40 mm. O cenário foi especialmente crítico no leste do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e extremo-norte de Sergipe, onde os totais ficaram abaixo de 10 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Na Região Norte, os maiores volumes de chuva concentraram-se no Amazonas, centro-oeste do Acre, norte de Rondônia, sul do Pará e no Tocantins, com totais superiores a 150 mm. Volumes entre 50 mm e 120 mm foram observados no restante da região, exceto em áreas pontuais do Baixo Amazonas e do nordeste do Pará, onde os acumulados ficaram abaixo de 40 mm, reduzindo a umidade do solo nessas áreas.

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

Na Região Nordeste, os maiores acumulados de chuva concentraram-se no oeste da Bahia e no centro-sul do Maranhão e do Piauí, com totais superiores a 90 mm, favorecendo a recuperação parcial da umidade do solo nessas áreas. Por outro lado, o norte do Maranhão e do Piauí, bem como o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e o centro-norte de Sergipe, registraram precipitações inferiores a 30 mm, resultando em redução da umidade do solo.

Na Região Centro-Oeste, novembro foi marcado pela retomada da regularidade das chuvas, com volumes superiores a 120 mm na maior parte da região, contribuindo para a elevação dos níveis de umidade do solo. Esse cenário favoreceu a recuperação da umidade do solo em grande parte da região, favorecendo o avanço do plantio da soja, do milho primeira safra e o desenvolvimento do feijão.

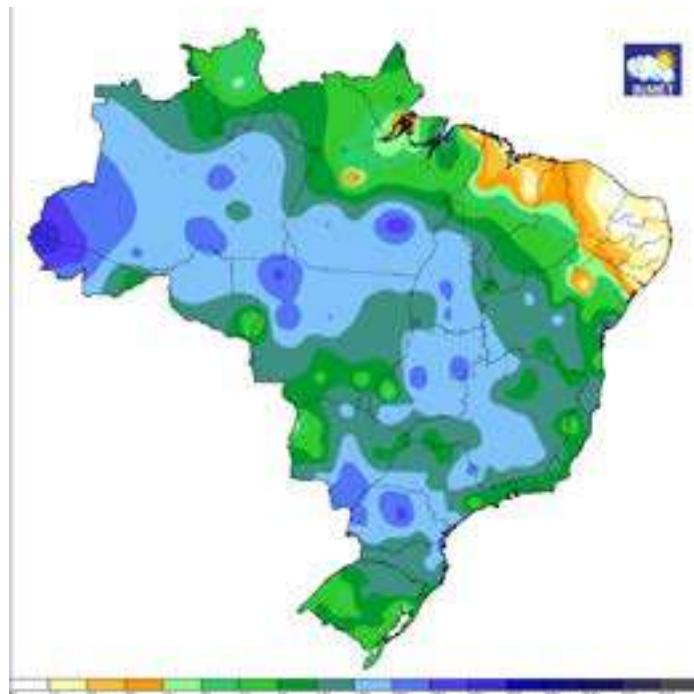
Na Região Sudeste, o volume mensal de chuva foi superior a 90 mm em grande parte da região, favorecendo a recuperação da umidade do solo. Por outro lado, em áreas pontuais do norte de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro, os acumulados foram insuficientes para elevar os níveis de armazenamento hídrico no solo.

Em grande parte da Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 90 mm, com os maiores acumulados acima de 150 mm, concentrados no Paraná e no litoral nordeste de Santa Catarina. De modo geral, esses volumes garantiram níveis satisfatórios de armazenamento de água no solo, favorecendo o manejo e o desenvolvimento das lavouras.

Em novembro, as temperaturas máximas foram acima de 32 °C nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, oeste e norte da Região Sudeste. Em áreas da costa da Região Sudeste e da Região Sul, os valores permaneceram abaixo de 30 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 22 °C na

maior parte da Região Norte, interior do Nordeste e Região Centro-Oeste. No sul de Minas Gerais, centro-oeste de São Paulo, Rio de Janeiro e Região Sul, as temperaturas foram inferiores a 18 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM NOVEMBRO DE 2025



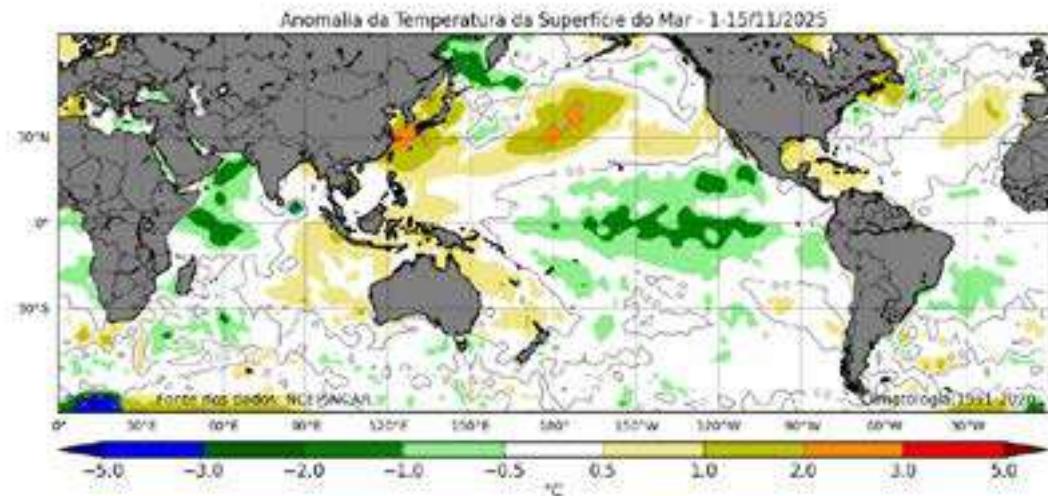
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 1º e 15 de novembro de 2025. Nesse período, registraram-se valores entre -1 ° C e -2 ° C ao longo da faixa longitudinal, compreendida entre 110°W e 170°W, indicando a área de maior resfriamento das águas. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4 (delimitada entre 170°W e 120°W), verificaram-se valores variando entre -1 °C e -0,8 °C durante novembro. Esse comportamento indica um resfriamento significativo da região, persistindo a condição inicial de

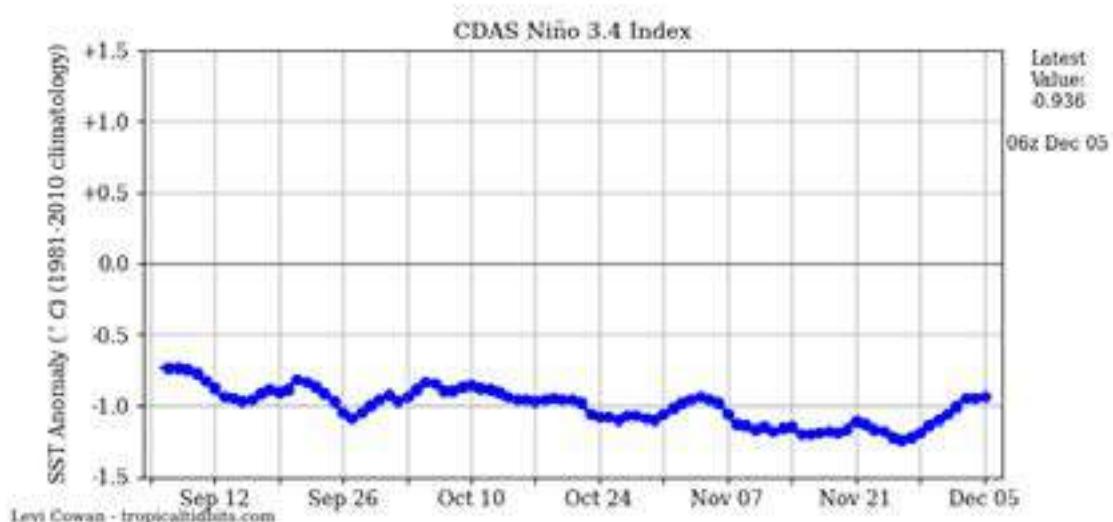
fenômeno La Niña no Pacífico Equatorial, caracterizado por desvios de TSM inferiores a -0,5 °C.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 1º A 15 DE NOVEMBRO DE 2025



Fonte: NCEP/NCAR.

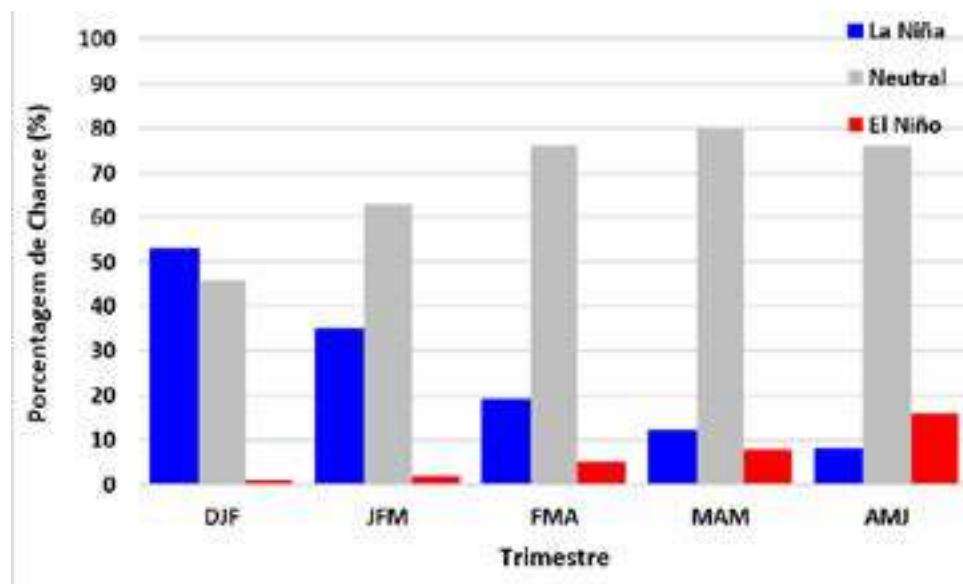
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do Enos (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica condições de La Niña durante o trimestre dezembro, janeiro e fevereiro de 2025/26, com probabilidade de 53%, e transição para condições de neutralidade no próximo trimestre, janeiro, fevereiro e março de 2026, com probabilidade de 63%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO DEZEMBRO DE 2025, JANEIRO E FEVEREIRO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média na porção central e norte da Região Norte, sul das Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Nas demais localidades, são previstas chuvas abaixo da média, especialmente no norte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, além de áreas do centro-sul da Região Sul e da Região Nordeste.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média em Roraima, Amapá, noroeste do Pará, centro-leste do Amazonas e leste de Rondônia, elevando os níveis de umidade do solo. No sudoeste do Amazonas, oeste do Acre, sudeste do Pará e Tocantins, são previstas chuvas abaixo da média.

Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas próximas e ligeiramente acima da média no centro-norte da região e chuvas abaixo da média no oeste do Maranhão, sul do Piauí e áreas pontuais da costa leste, mas principalmente na Bahia, o que pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses.

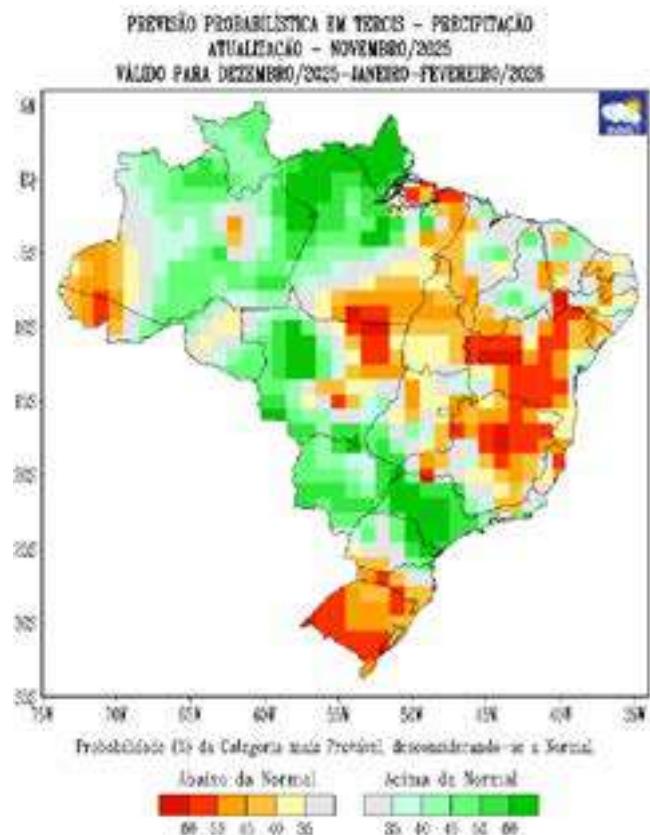
Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, as chuvas devem se concentrar no centro-oeste de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, sul de Goiás, São Paulo e costa do Rio de Janeiro. Já em grande parte de Minas Gerais, Espírito Santo, nordeste de Mato Grosso, centro-norte de Goiás e Distrito Federal, o modelo do Inmet indica volumes próximos e abaixo da média. No geral, o cenário aponta elevação dos níveis de umidade do solo ao longo dos próximos meses, porém algumas áreas do norte de Minas Gerais, Espírito Santo e oeste de Mato Grosso do Sul, podem sofrer redução de umidade no final do trimestre.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média no sudoeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As chuvas próximas ou acima da média devem ocorrer em grande parte do Paraná. No geral, os níveis de umidade do solo não deverão sofrer grande redução nos próximos meses, exceto na região centro-sul do Rio Grande do Sul, onde o armazenamento poderá ser mais baixo.

Quanto às temperaturas, essas devem permanecer próximas e acima da média histórica em grande parte do país, com temperaturas acima de 25 °C, nas Regiões Norte, Nordeste e parte da Região Centro-Oeste. Temperaturas acima de 28 °C são previstas para o norte de Roraima e norte da Região

Nordeste, no sudoeste de Mato Grosso e noroeste de Mato Grosso do Sul. Em áreas pontuais das Regiões Sudeste e Sul, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 22 °C.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE DEZEMBRO DE 2025, JANEIRO E FEVEREIRO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA
2.100,2 mil ha
+0,7%

PRODUTIVIDADE
1.885 kg/ha
-3,5%

PRODUÇÃO
3.959,6 mil t
-2,9%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.954	4.076,1
2025/26	Nov./25	2.137,1	4.027,9
	Dez./25	2.100,2	3.959,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

O terceiro levantamento, da safra 2025/26 de algodão, indica uma leve retração na produção de pluma, com previsão de redução de 2,9%, reflexo direto das estimativas de produtividade ainda baseadas em modelos estatísticos, já que o ciclo está em sua fase inicial.

Alguns estados, como Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás, já iniciaram a semeadura da primeira safra, enquanto no Paraná mais da metade da área foi semeada, e São Paulo está próximo de concluir o plantio. Por outro lado, em Mato Grosso, principal produtor nacional, o plantio ainda não começou devido à priorização da soja.

Mesmo sem o início efetivo do cultivo em Mato Grosso, o planejamento da safra segue em andamento. Salienta-se que as cotações do algodão permanecem em patamares reduzidos, o que tem limitado significativamente o avanço de novas negociações no mercado. A conjuntura de mercado tem tornado o cultivo menos atrativo e ampliando as chances de migração para culturas concorrentes, tanto na primeira quanto na segunda safra.



Foto 1 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção*	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C		
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O plantio já foi iniciado em algumas regiões produtoras de algodão. Conforme o levantamento da Conab, mudanças na dinâmica do plantio já são observadas, com redução de área em algumas regiões e aumento em outras. Considerando a expectativa de uma queda de 3,5% na produtividade, a produção brasileira de algodão em pluma deve atingir 3,96 milhões de toneladas na safra 2025/26, representando uma redução de 2,9% em relação à safra anterior.

Em novembro, o Brasil exportou um total de 402,4 mil toneladas de algodão em pluma. Este foi o maior volume já exportado em um mês pelo país. O total das exportações brasileiras em 2025 alcançou 2,57 milhões de toneladas. Para o ano de 2026, a expectativa é que as exportações continuem crescendo, graças à qualidade do algodão brasileiro e ao trabalho de divulgação do produto nacional pelo setor, com o apoio de entidades governamentais. Tal trabalho tem levado à conquista de novos mercados e clientes. Dessa forma, a projeção é que sejam embarcadas para o exterior 3,06 milhões de toneladas.

O consumo doméstico de algodão projetado para este ano de 2025 é de 725 mil toneladas. As indústrias têm realizado aquisições pontuais e em volumes restritos, conforme suas necessidades imediatas, evitando, assim, a formação e elevação dos estoques. Para o próximo ano, a expectativa do setor é que o volume chegue a 730 mil toneladas. Esse número pode variar, visto que está condicionado às taxas de juros que serão praticadas a partir do início de 2026. Além das incertezas na economia global, provocadas pela política de taxação do governo dos Estados Unidos, os altos juros praticados no país têm limitado o crescimento da indústria têxtil, que tem evitado ou adiado investimentos com aquisição de novos equipamentos e ampliação da produção.

Diante do exposto, o estoque final do algodão no país, da safra 2025/26, será de 2,98 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 6% em relação ao estoque de passagem da safra anterior.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.076,1	1,0	6.477,2	725,0	2.943,0	2.809,2
2025/26	nov/25 dez/25	2.810,0 2.809,2	4.027,9 3.959,6	1,0 1,0	6.838,9 6.769,8	730,0 730,0	3.048,9 2.979,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA
1.621,3 mil ha
-8,1%

PRODUTIVIDADE
6.890 kg/ha
-4,7%

PRODUÇÃO
11.170,2 mil t
-12,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24	1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25	1.764,0	7.232	12.757,5
2025/26	Nov./25	6.888	11.292,0
	Dez./25	6.890	11.170,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

O novo ciclo 2025/26 teve um avanço significativo na semeadura nas principais áreas produtoras do país, ultrapassando mais de 75% do total estimado para a atual safra, com destaque para as áreas de plantio em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Nas áreas de maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, a semeadura alcançou 96% do previsto, apesar de em algumas áreas ter ocorrido atraso na

operação devido aos volumes de chuva que impediam a entrada de maquinário no campo. Contudo, de uma forma geral, as lavouras têm se desenvolvido de forma satisfatória, ainda que em algumas áreas haja irregularidade das chuvas em volume e intensidade, aguardando a adequação da janela ideal para o plantio, além disso, as condições mercadológicas do cereal têm influenciado de forma muito expressiva na decisão da semeadura, como nas áreas em Mato Grosso, que, apesar de já ter iniciado a operação de plantio, alcança pouco mais de 10% da área total prevista a ser semeada.

A estimativa mostra uma redução da área de produção, comparada com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.278,6 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa indica uma área de 342,7 mil hectares, ainda a ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura alcança 96% da área estimada no estado. A Zona Sul segue a mais adiantada, com a operação praticamente concluída. Na Planície Costeira Externa, Planície Costeira Interna, Fronteira Oeste e Campanha, todas estão com mais de 85% da área prevista semeada. Na Região Central ocorreu atraso no plantio, restando quase um terço da área para ser semeada, uma vez que houve dificuldades na entrada das máquinas nas áreas com menor capacidade de drenagem e secagem do solo devido aos volumes de precipitação à época.

Em termos de estado, praticamente todas as lavouras não semeadas se encontram em locais de difícil drenagem, inacessíveis ao maquinário, sendo

necessário aguardar melhores condições para finalizarem a semeadura. A expectativa é que nas próximas semanas o ritmo se mantenha acelerado, favorecido pelas condições climáticas favoráveis.

Contudo, algumas lavouras no sudoeste do estado, que tem como período preferencial de semeadura até a segunda quinzena de novembro, não serão implantadas dentro do período ideal e terão na fase reprodutiva menor disponibilidade de radiação, o que pode influenciar no potencial produtivo das plantas.

Algumas lavouras previstas inicialmente poderão não ser cultivadas, a depender da possibilidade de entrada das máquinas nas áreas de cultivo e da disponibilidade de recursos para implantação. As lavouras semeadas encontram-se com 5% em estádios de emergência e 95% em desenvolvimento vegetativo e em boas condições. Tem sido realizado os manejos de irrigação, adubação e controle fitossanitário.

As precipitações isoladas e a boa disponibilidade hídrica no solo favoreceram a aplicação de herbicidas em pré-emergência e pós-emergência, adubação nitrogenada de cobertura e o início da irrigação. De modo geral, as lavouras encontram-se com emergência uniforme e adequado estabelecimento inicial. A expectativa de área e produção, de acordo com as estimativas, é de redução em relação ao ciclo anterior, mantendo alto volume de oferta interna no Brasil.



Fonte: Conab.

Santa Catarina: a semeadura já alcança 99% da sua área destinada nesta safra, considerando as características de solo, clima e relevo, tamanho das propriedades rurais, além da sistematização das áreas que não permitem a substituição do arroz por outro cultivo, a estimativa é que a área de produção se mantenha estável para este novo ciclo. As lavouras seguem em pleno desenvolvimento vegetativo, favorecidas pela alta radiação solar.

As condições ambientais, com boa luminosidade e disponibilidade hídrica, são propícias para as lavouras expressarem seu potencial produtivo, apesar de algumas áreas terem sido afetadas por baixas temperaturas, observou-se bom potencial e tendência de recuperação após frio tardio.

Tocantins: nas áreas de produção em Formoso do Araguaia (arroz irrigado), a semeadura atingiu 50% da área, e tem feito os devidos tratos culturais nas lavouras, como a adubação de cobertura e, no momento, o tempo seco não tem propiciado o aparecimento de doenças fúngicas. Já nas áreas em Lagoa da Confusão, a semeadura atingiu 30% da área e também tem iniciado os tratos culturais. Em Dueré, Cristalândia e Pium, a semeadura atingiu 30% da área. Houve uma migração de parte da área que seria destinada à cultura do arroz para as culturas de milho e soja. O cultivo do arroz na sequência será

semeado com as culturas de segunda safra (soja e feijão) em maio e junho. Com os preços de mercado pouco atrativo e custo de produção elevados desmotivam o plantio, reduzindo a área em relação à safra passada. Quanto ao arroz de sequeiro, o plantio ainda não teve início, mas há regiões que já iniciaram o preparo das áreas.

Maranhão: o cultivo de arroz irrigado ocorre nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, no norte do estado; São Mateus do Maranhão e Grajaú, no centro do estado, correspondendo a 5% da área de produção de arroz total do estado (irrigado e sequeiro). Atualmente, a semeadura está em torno de 96% da área prevista, restando áreas que necessitaram de replantio devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes.

Há áreas já em colheita, uma vez que no plantio escalonado as lavouras vão apresentando diversos estádios fenológicos simultaneamente, alcançando 34% da área colhida. A operação deve ocorrer até abril de 2026, considerando o período do plantio. Na presente safra, a área de plantio estimada tem apresentado uma redução em comparação à safra anterior devido à menor área de plantio em São Mateus do Maranhão, Viana e Grajaú, principalmente em razão do preço do produto no mercado.

Quanto ao plantio do arroz de sequeiro, a operação deve ser realizada somente a partir de dezembro de 2025, estendendo-se até fevereiro de 2026, a depender do regime das chuvas em cada região do estado. O cultivo é realizado em todas as regiões do estado, normalmente em lavouras de pequena escala, por agricultores familiares, e consorciado com diversas outras culturas temporárias, a exemplo do milho, feijão-caipi e mandioca, e a produção de arroz é voltada para o consumo próprio, com a comercialização do excedente produzido.

Também há o cultivo de arroz de sequeiro no estado para abertura de áreas para plantio de soja, por médios e grandes agricultores, sendo um cultivo sazonal.

Para a safra 2025/26, estima-se uma redução na área de plantio em relação à safra anterior, em razão de alguns fatores como baixos preços praticados no mercado e substituição/rotação de cultura.

Piauí: a lavoura no cultivo irrigado é por inundação ou cultivadas em vazante, e o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Quanto ao arroz de sequeiro, o cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja. A semeadura se concentra historicamente em dezembro e janeiro.

Rondônia: nas áreas de arroz de sequeiro, ocorreram chuvas mais regulares e temperaturas elevadas, e apenas uma pequena porcentagem da área prevista já foi plantada, podendo haver atraso na semeadura no período ideal para a implantação das lavouras, mas com condições (alta umidade) que contribuem para o desenvolvimento da planta durante a fase vegetativa.

As lavouras implantadas até o momento representam 34,8% do total levantado à cultura, na ordem de 21 mil hectares, dos quais, 82,2% encontram-se na fase de emergência e 17,8% em desenvolvimento vegetativo. Os atuais preços de comercialização estão em baixa, dificultando a decisão para o plantio, assim, a área total plantada deve ser menor em comparação com a safra anterior, como parte de uma tendência nacional de ajuste na produção.

Goiás: o cultivo de arroz de sequeiro tem sido limitado às áreas de associações e assentamentos rurais, estando, em sua maioria, restrita a plantios de subsistência e a lavouras comunitárias, e algumas associações de produtores ainda planejam realizar a semeadura durante dezembro.

Quanto ao plantio de arroz irrigado, estima-se uma redução na área semeada, afetando tanto as regiões de tabuleiros quanto as que utilizam pivôs centrais. A área total estimada para a safra atual foi reduzida neste levantamento e essa retração é primariamente atribuída ao recuo da decisão de plantio nas áreas de tabuleiros nos municípios de São Miguel do Araguaia e Flores de Goiás.

Nas áreas sob pivôs centrais, a redução da área semeada está ligada aos custos de produção e aos baixos preços de comercialização atuais, podendo ocorrer plantios apenas na segunda safra. As lavouras irrigadas por pivô central no estado concentram-se principalmente em áreas que cultivam hortaliças, como batata, cebola e alho. Nessas áreas, a cultura é frequentemente utilizada como cultura condicionadora para as lavouras subsequentes.

A sanidade das lavouras está boa no momento, enquanto que as primeiras áreas irrigadas de tabuleiros já atingiram a fase reprodutiva e algumas áreas já iniciaram a colheita, estendendo-se por dezembro, janeiro e fevereiro de 2026. Altas temperaturas têm sido um fator preocupante para as lavouras que estão próximas à fase de emborrachamento, uma vez que os níveis dos reservatórios ainda não estão ideais, a falta de chuvas mais regulares compromete a irrigação devido aos níveis de água nas captações (diretas ou barragens), contudo, com o retorno de chuvas mais regulares, a situação deve se manter mais favorável.

Paraná: a cultura está com 100% da área plantada. As lavouras estão com 95% em fase de desenvolvimento vegetativo e 5% em floração, e consideradas em boas condições de campo.



Foto 3 - Arroz irrigado - Maturação - São Miguel do Araguaia-GO

Fonte: Conab.

Apesar do clima, marcado por chuvas excessivas e temporais, resultar em uma economia significativa nos custos de operação e energia devido à redução da necessidade de irrigação artificial na fase inicial da cultura. Por outro lado, a intensidade das precipitações e enxurradas geraram riscos de danos à infraestrutura de diques e canais, aumentando a pressão de plantas daninhas e submersão de plântulas recém-estabelecidas, demandando monitoramento e custos adicionais, com manutenção e controle fitossanitário.

A área teve redução, especificamente na região de Umuarama, em virtude, principalmente, de condição comercial desfavorável. O arroz de sequeiro, desde o início do plantio (outubro/novembro de 2025) foi submetido a um regime hídrico extremo e prejudicial, com excesso de precipitação e temporais. Este clima adverso causou a saturação do solo e erosão, resultando em perdas significativas de sementes e plântulas por soterramento e arraste, além de aumentar o tombamento. O efeito cumulativo até o final de novembro é o comprometimento da uniformidade do estande, a necessidade de replantio e um custo inicial de manejo fitossanitário elevado.

Pará: as áreas de lavouras irrigadas encontram-se em bom estado devido ao bom pacote tecnológico e disponibilidade de irrigação constante, assim como boa luminosidade. Para a semeadura nas áreas com arroz de sequeiro, o clima instável nesse início de safra atrasa o plantio e pode prejudicar o desenvolvimento vegetativo de lavouras que foram implantadas há pouco tempo. As chuvas estão mais constantes e regulares no sudeste e sudoeste do estado, mas noutras regiões as chuvas ainda não estão regulares. Contudo, as lavouras estão majoritariamente em fase de desenvolvimento vegetativo, com bom estande na maior parte do estado.

Mato Grosso: os volumes de chuvas até o momento tem sido suficientes para proporcionar um bom início ao desenvolvimento do arroz em sequeiro. O desenvolvimento das plantas é considerado satisfatório, onde as lavouras cultivadas têm apresentado boas condições fitossanitárias. Estima-se que a semeadura deve aumentar significativamente assim que o solo estiver com armazenamento hídrico conforme a exigência da cultura, advindo de maior regularidade das precipitações. O cenário é bastante adverso para a decisão de plantio em termos mercadológicos, com cotações pouco atrativas, há um desestímulo à semeadura para a temporada 2025/26, havendo a possibilidade de redução de área ainda maior da cultura nesta safra.

Mato Grosso do Sul: nas áreas de produção no estado, ocorreram alternâncias nos volumes de chuvas, parte com acumulados acima de 30 mm e noutras áreas com registros superiores a 150 mm, assim, a semeadura deverá ser finalizada após o período chuvoso e/ou assim que as condições de umidade no solo permitir.

Até o momento, as lavouras têm apresentando desenvolvimento adequado e, como há boa quantidade de talhões atingindo os estádios reprodutivos, o foco tem sido o manejo do controle de percevejos e, devido ao excesso

de umidade, controle de doenças fúngicas, principalmente nas áreas já implantadas com lavouras em desenvolvimento mais adiantado. Estima-se uma redução acentuada na área cultivada em razão dos preços reduzidos praticados no mercado, além da dificuldade na aquisição dos insumos. Nesse contexto, as expectativas de mercado são desfavoráveis para o produto, dificultando a decisão de plantio. Além disso, com os custos de produção elevados, o uso de alguns fertilizantes também pode ser mais reduzido nesta safra, podendo refletir na produtividade das lavouras.

Minas Gerais: no sul do estado, onde o arroz é cultivado sob os tabuleiros irrigados, o plantio já está concluído, e as lavouras se desenvolvem em boas condições. No norte do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de



Foto 4 - Arroz irrigado - Desenvolvimento vegetativo -
Miranda-MS

Fonte: Conab.

várzeas úmidas também já tiveram seu plantio concluído, e as lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo. No Noroeste e Triângulo Mineiro, onde houve grande expansão nas últimas safras, espera-se uma redução significativa para a atual safra, devido, principalmente, aos preços pouco atrativos do cereal.

Até o momento, a expectativa é que as lavouras de arroz sejam cultivadas

somente em sucessão à soja plantada sob pivô. Assim, estima-se uma redução na área cultivada nesta safra, com consequente diminuição na produção.

Alagoas: as condições climáticas têm sido favoráveis às lavouras, visto que volumes de chuva, associados com dias de sol, propicia um bom desenvolvimento vegetativo, sem interferir na colheita do grão. Do total de área plantada, 30% foi colhida, com o produto apresentando rendimento entre 58% e 62% (arroz colhido no perímetro de Itiúba).

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
			0,67		S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
			0,86		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz, da safra 2025/26, agora projetada em 11,17 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 12,4% em comparação com a safra anterior, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição, tanto da área plantada, -8,1%, quanto da produtividade, -4,7%, da cultura no ciclo 2025/26.

Esse cenário é reflexo da retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Além disso, após uma safra 2024/25 favorecida por condições climáticas ideais e maiores investimentos, o que resultou em recordes de produtividade em várias regiões, a expectativa para 2025/26 é menos otimista. Espera-se um clima menos propício ao cultivo e menor aporte de recursos no campo, motivado pelos preços baixos.

Quanto ao mercado externo, a projeção para 2024/25 é de um aumento nas exportações brasileiras, que devem atingir 1,6 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra atual, 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer estáveis em ambas as safras, com previsão de 1,4 milhão de toneladas. O consumo interno está estimado em 11 milhões de toneladas, mantendo-se praticamente inalterado em relação à safra anterior.

Dessa forma, espera-se um aumento significativo nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,05 milhões de toneladas, devido ao excedente atual de oferta. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), ainda que permaneçam em patamar elevado, com projeção de 1,52 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,7	1.400,0	14.654,5	11.000,0	1.600,0	2.054,5
2025/26	nov/25 dez/25	2.054,3 2.054,5	11.292,0 11.170,2	1.400,0 1.400,0	14.746,3 14.624,7	11.000,0 11.000,0	2.100,0 2.100,0
							1.646,3 1.524,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2025.

Estoque de passagem - 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO**

ÁREA
2.630 mil ha
-2,3%

PRODUTIVIDADE
1.142 kg/ha
+0,5%

PRODUÇÃO
3.004,4 mil t
-1,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agronômico, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Nov./25	1.161	977,9
	Dez./25	1.183	941,6

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: as chuvas, embora irregulares, permitiram um incremento no nível de umidade nos solos. Tal condição favoreceu o avanço da semeadura, que finalizou novembro com aproximadamente 75% da área prevista efetivamente plantada. A concorrência por mão de obra e maquinários com o plantio da soja também limita um maior avanço das operações, mas, no geral, estas vêm ocorrendo em ritmo satisfatório.

Quanto às lavouras já implantadas, a condição geral da culturas é boa, especialmente nas localidades onde há a utilização de irrigação suplementar.

Bahia: as operações de plantio avançaram bastante no oeste do estado, favorecidas pela maior incidência de chuvas na região ao longo do último mês. Ali, a semeadura foi concluída, e as lavouras seguem com bom desenvolvimento vegetativo.

Já na região central, o clima tem sido benéfico no centro-norte, mas, no centro-sul, as precipitações têm sido irregulares e desestimulam os produtores, que nos últimos anos já sofreram com a escassez hídrica durante o ciclo da cultura.

Soma-se a isso a falta de mão de obra para o manejo das lavouras e também o retorno financeiro considerado baixo do feijão em comparação com outras atividades menos laborosas, como o cultivo de pastagem. Assim, há previsão de redução na área semeada, tanto em comparação com o levantamento passado como em relação à temporada anterior.



Foto 5 - Feijão-cores 1ª safra - Desenvolvimento Vegetativo - Irecê-BA

Fonte: Conab.

Goiás: o plantio está em fase final, restando pequenas áreas a serem semeadas no norte do estado.

De maneira geral, o último mês trouxe poucas chuvas, algo que também influenciou na tomada de decisão de alguns produtores que deixaram de plantar o feijão, especialmente na região leste do estado. Ali, a participação do cultivo sob pivô central é expressiva, porém a escassez de precipitações afeta os reservatórios hídricos. Além disso, há uma questão mercadológica que envolve essa decisão, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente têm sido considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja.

Dessa forma, a estimativa de área plantada teve um recuo em comparação com a

previsão mencionada no último levantamento, visto que há uma probabilidade considerável dessa redução atual ser fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Quanto às lavouras já implantadas, a maioria delas segue em desenvolvimento vegetativo, apresentando boa sanidade e crescimento satisfatório.

Paraná: plantio concluído ao final de novembro. De maneira geral, o mês trouxe alto volume de chuvas, consequentemente, acarretou menor incidência solar e menor amplitude térmica. Essa combinação reduziu a taxa de crescimento das plantas e também favoreceu a proliferação de algumas doenças foliares, especialmente a ferrugem e a mancha angular.

Soma-se a isso, as intempéries climáticas registradas no começo de novembro em algumas localidades do estado, que apresentaram chuvas intensas, vendavais e até granizo, os quais afetaram pontualmente as lavouras de feijão, requerendo o replantio em alguns casos.

Assim, as condições gerais das lavouras estão entre regulares e boas, com áreas pontuais classificadas como ruins, justamente por ser acometidas por essas adversidades em maior grau de intensidade, promovendo danos mais significativos às lavouras.

No quesito de área plantada, houve a confirmação da expressiva redução em comparação à temporada anterior, especialmente por questões mercadológicas, ligadas ao preço mais baixo pago pelo grão, além da concorrência com outras culturas, como o milho, influenciaram na tomada de decisão do produtor, acarretando nesta estimativa atual a diminuição de área. Vale pontuar que na temporada passada, com os preços do feijão bem atrativos, muitos produtores, que não são tradicionalmente ligados à

cultura, acabaram produzindo-a para aproveitar o momento de alta, mas no atual ciclo voltaram a optar por outros cultivos.

São Paulo: as primeiras lavouras semeadas já se encontram em plena maturação e em processo de dessecação para iminente colheita. A região é reconhecida por ter um plantio mais cedo e, consequentemente, apresentar os primeiros lotes do produto no mercado antes do pico da colheita nos outros estados produtores. Isso permite uma vantagem competitiva na comercialização do grão.

A cultura apresentou bom desenvolvimento e se favoreceu do manejo aplicado, com boa parte da área semeada sendo mantida sob irrigação de pivô central e assim mitigando a falta de água nos momentos de escassez pluviométrica. Atualmente, com as lavouras se encaminhando para a fase de maturação e secagem dos grãos, corta-se a irrigação e espera-se redução nas chuvas para não afetar a qualidade dos grãos a serem obtidos.

Santa Catarina: a semeadura do feijão-cores é, tradicionalmente, mais tardia que a do feijão-preto. Nesse sentido, cerca de um terço da área prevista está semeada até o momento, com maior concentração do cultivo no Planalto Sul do estado.

As lavouras implantadas seguem em desenvolvimento vegetativo, visto que a taxa de crescimento das plantas tem sido menor do que a usual por conta das baixas temperaturas e da intensa nebulosidade que se viu em boa parte do último mês. Soma-se a isso a estimativa de redução de área plantada em comparação ao ano passado, principalmente por conta dos preços menos atrativos do grão e à concorrência com outros cultivos, como milho e soja.

Rio Grande do Sul: a cultura é semeada mais tarde, com previsão de início do plantio a partir de dezembro de 2025, em sucessão à colheita de

alguns cereais de inverno.

O cultivo se concentra, principalmente, na região do Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, especialmente nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção.

Mato Grosso: o clima continua sendo favorável ao desenvolvimento da cultura. A cultura mantém um bom vigor e desenvolvimento vegetativo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a semeadura avançou bastante no último mês, alcançando sua conclusão nos dias finais de novembro.

De maneira geral, o mês trouxe alto volume de chuvas, consequentemente, acarretou menor incidência solar e menor amplitude térmica. Essa combinação reduziu a taxa de crescimento das plantas e também favoreceu a proliferação de algumas doenças foliares, especialmente a ferrugem e a mancha angular.

Soma-se a isso, as intempéries climáticas registradas no começo de novembro em algumas localidades do estado, que apresentaram chuvas intensas, vendavais e até granizo, os quais afetaram pontualmente lavouras de feijão, requerendo o replantio em alguns casos.

Assim, as condições gerais das lavouras estão entre regulares e boas, com áreas pontuais classificadas como ruins, justamente por ser acometidas por

essas adversidades em maior grau de intensidade, promovendo danos mais significativos às lavouras.

No quesito de área plantada, houve a confirmação da expressiva redução em comparação à temporada anterior, especialmente por questões mercadológicas, ligadas ao preço mais baixo pago pelo grão, além da concorrência com outras culturas, como o milho, influenciaram na tomada de decisão do produtor, acarretando nesta estimativa atual a diminuição de área. Vale pontuar que na temporada passada, com os preços do feijão bem atrativos, muitos produtores, que não são tradicionalmente ligados à cultura, acabaram produzindo-a para aproveitar o momento de alta, mas no atual ciclo voltaram a optar por outros cultivos.

Santa Catarina: a cultura se concentra em três grandes regiões do estado, sendo elas: Planalto e Serra, Meio-Oeste e Extremo-Oeste. Em todas houve avanço do plantio no último mês, alcançando ao seu final 82% da área prevista semeada e considerando que as áreas mais tardias estão sendo cultivadas em sucessão com a colheita de cereais de inverno, especialmente o trigo.

As lavouras implantadas seguem em desenvolvimento vegetativo, visto que a taxa de crescimento das plantas tem sido menor do que a usual por conta das baixas temperaturas e da intensa nebulosidade que se viu em boa parte do último mês. Soma-se a isso, a estimativa de redução de área plantada em comparação ao ano passado, principalmente por conta dos preços menos atrativos do grão e à concorrência com outros cultivos, como milho e soja.

Rio Grande do Sul: a evolução do plantio no mês foi lenta, alcançando 80% da área total prevista. As lavouras semeadas em novembro são, majoritariamente, de produtores da agricultura familiar, para

autoconsumo, em regiões menos tradicionais e que produzem em sucessão ao cultivo do tabaco e de pastagens. Já os 20% restantes de área prevista a ser cultivada estão concentrados no Planalto Superior e deverão ocorrer em sucessão à colheita das culturas de inverno. Alguns produtores já iniciaram as operações de preparo das áreas. A expectativa é que a operação deva evoluir significativamente em dezembro.

No geral, a destinação total de área no estado deverá ser inferior à temporada passada, especialmente pelo menor preço recebido pelo produtor para os grãos e à concorrência com o cultivo de outras culturas de verão, como soja e milho.

As temperaturas mais amenas observadas no último mês limitaram, parcialmente, o desenvolvimento das lavouras, mas também permitiram menor taxa de evapotranspiração, ajudando a manter um bom teor de umidade nos solos.

Minas Gerais: as chuvas, embora irregulares, permitiram um incremento no nível de umidade nos solos. Tal condição favoreceu o avanço da semeadura, que se aproxima da reta final de execução.

Quanto às lavouras já implantadas, a condição geral é boa da cultura, com a maioria delas ainda na fase de desenvolvimento vegetativo.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a semeadura ainda não foi iniciada, devendo começar somente a partir de dezembro. As primeiras áreas já estão sendo preparadas para o plantio. O cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e abrange

praticamente todas as regiões do estado.

O estado, tradicionalmente, destina uma grande área para o cultivo da cultura, sendo o de maior área plantada com o feijão-caupi, neste primeiro ciclo, e as condições climáticas são determinantes, até mesmo na intenção de plantio, já que as lavouras são manejadas em sequeiro e pulverizadas por diversas regiões do estado, até mesmo por aquelas áreas mais áridas.

Bahia: as operações de plantio avançaram bastante no oeste do estado, favorecidas pela maior incidência de chuvas na região ao longo do último mês. Ali, a semeadura foi concluída, e as lavouras seguem com bom desenvolvimento vegetativo.

Já na região central, o clima tem sido benéfico no centro-norte, mas, no centro-sul, as precipitações têm sido irregulares e desestimulam os produtores, que nos últimos anos já sofreram com a escassez hídrica durante o ciclo, mesmo em uma espécie que tem maior rusticidade quanto ao estresse hídrico e térmico. Soma-se a isso, a falta de mão de obra para o manejo das lavouras e também o retorno financeiro considerado baixo do feijão em comparação com outras atividades menos laborosas, como o cultivo de pastagem. Assim, há previsão de redução na área semeada, tanto em comparação com o levantamento passado como em relação à temporada anterior.

Maranhão: o plantio foi iniciado no último mês, em particular na região sul do estado, onde as chuvas foram menos irregulares. Nas demais regiões produtoras, a semeadura deve acontecer de dezembro em diante.

No estado há predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta frequentemente em baixos rendimentos. Inclusive, há usualmente subsídio por meio de políticas públicas que estimulam

essa produção, especialmente mediante a doação de sementes para o plantio, mas que neste ano ainda não foi distribuída, algo que influencia na estimativa de área total plantada, sinalizando uma diminuição na destinação de área para o feijão desse período em localidades do centro-oeste e leste do estado.

Minas Gerais: as chuvas, embora irregulares, permitiram um incremento no nível de umidade nos solos. Tal condição favoreceu o avanço da semeadura, que se aproxima da reta final de execução.

Quanto às lavouras já implantadas, a condição geral da cultura é boa, com a maioria delas ainda na fase de desenvolvimento vegetativo.

Tocantins: o plantio avançou e já alcançou três quartos da área total prevista para o estado. As áreas ainda não semeadas são aquelas em manejo de sequeiro, que têm plantio mais tardio e que devem ser finalizadas em dezembro, com a expectativa de maior regularidade das chuvas.

As lavouras irrigadas (sistema de várzea) são cultivadas mais cedo, tendo muitas dessas áreas já em plena colheita. Tal cultivo fica concentrado nas regiões de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia.

Mato Grosso: as lavouras seguem em boas condições gerais, favorecidas pelo clima, com registro de bons índices pluviométricos.

Pernambuco: as precipitações ocorridas em outubro estão dentro da média climatológica e proporcionaram umidade nos solos para iniciar o plantio do feijão e o seu desenvolvimento vegetativo.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas											
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Falta de Chuva											
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas												
UF	Mesorregiões	Produção* %	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
PI	Norte Piauiense	0,77					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro-Norte Piauiense	0,96					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Piauiense	2,28					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F		F/EG	M/C					
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68		S/E	S/E/DV			DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89					S/E	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C			
	Centro Norte Baiano	0,71					S/E	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C			
	Centro Sul Baiano	2,58					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
MT	Norte Mato-grossense	0,69		S/E/DV	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	C				
GO	Leste Goiano	5,75		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	C				
	Sul Goiano	4,31		S/E/DV	S/E/DV			F/EG	EG/M/C					
	Norte Goiano	2,30		S/E	S/E/DV			F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
DF	Distrito Federal	2,44		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
	Noroeste de Minas	5,83		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas	1,08				S/E		S/E/DV	F/EG	M/C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
	Oeste de Minas	0,89		S/E	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08		S/E/DV	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
	Campo das Vertentes	2,56		S/E/DV	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
	Zona da Mata	1,39		S/E/DV	S/E/DV			F/EG	EG/M/C	M/C				
SP	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG		F/EG/M	EG/M/C		C					
	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG		M/C		C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F		F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F		F/EG/M	EG/M/C	M/C				
PR	Sudoeste Paranaense	1,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG			F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	4,39	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG			F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudeste Paranaense	8,59	S/E	S/E/DV	DV/F			F/EG	EG/M	M/C				
	Metropolitana de Curitiba	2,23	S/E	S/E/DV	DV/F			F/EG	EG/M	M/C				
	Oeste Catarinense	1,99	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG			F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
SC	Norte Catarinense	1,43	S/E	S/E/DV	DV/F			DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
	Serrana	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F			DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG			EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,80	S/E	S/E/DV	DV/F			DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio para a safra 2025/26 estará disponível apenas a partir de janeiro de 2026.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio para a safra 2025/26 estará disponível apenas a partir de maio de 2026.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O mercado segue com poucas vendas e, nas últimas semanas, a oferta, mesmo não sendo expressiva, influenciou negativamente as cotações. Assim, com receio da manutenção do atual panorama, muitos corretores se sentiram forçados a vender seus lotes, o que pressionou os preços para baixo.

A estabilidade dos preços já não agradava ao setor. Agora, com a queda das cotações, observou-se certa frustração no mercado em virtude das poucas oportunidades de ganho, especialmente para produtores e empresas empacotadoras. Os corretores esperavam um mercado mais equilibrado, no entanto, já se sentem os reflexos de dezembro, quando as vendas normalmente são mais fracas por causa das festas de fim de ano e das férias escolares.

O abastecimento do mercado paulista está sendo realizado, em sua maioria, com produtos provenientes do próprio estado e, em menor escala, de Minas

Gerais e Goiás. Os lotes provenientes do sudoeste paulista são compostos por grãos de boa qualidade, principalmente no que diz respeito à umidade e peneira, ou seja, a maioria dos lotes oferecidos encontra-se em boas condições para o empacotamento.

Já boa parte da produção remanescente da terceira safra irrigada, 2024/25 apresenta baixa umidade, entre outros problemas. Os feijões muito secos acabam se partindo durante o beneficiamento, gerando prejuízos. Por esse motivo, os empacotadores têm dificuldade em encontrar mercadoria que atenda ao padrão de qualidade desejado.

Os produtores continuam firmes em suas pedidas e cientes de que a demanda ocorrerá naturalmente, contribuindo para a retomada dos preços, considerando o baixo estoque da safra de inverno (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso). A primeira safra de São Paulo, 2025/26, conduzida sob irrigação, está avançando na colheita, e cerca da metade da produção já foi comercializada pelos produtores.

Dessa forma, resta pouca produção para suprir o abastecimento interno e, mesmo com o início da colheita paranaense, prevista para os próximos dias, os preços tendem a ser compensadores aos produtores, reforçados pelo atraso na semeadura em Minas Gerais, maior estado produtor, cuja colheita está prevista para começar a partir de meados de janeiro.

Diante desse cenário, os compradores se sentem em posição confortável para programar suas compras, aguardando, até mesmo, o incremento da oferta de feijão novo, ainda escasso no mercado. Acredita-se que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática e/ou um expressivo aquecimento da demanda, a tendência é que os preços se mantenham nos atuais patamares, com melhora na qualidade do grão.

No momento, o foco do mercado está nos produtos natalinos, e qualquer reação nos preços, possivelmente, afastará boa parte dos consumidores, levando-os a buscar alternativas alimentares.

Contudo, com uma estimativa de produção semelhante à da safra anterior, não se vislumbra um quadro animador de preços para o consumidor. A expectativa é que os valores permaneçam elevados, em razão da escassa oferta disponível para atender ao abastecimento interno. Com perdas no volume e na qualidade do grão colhido na safra de inverno, a oferta segue bastante limitada e, dentro dessas condições de mercado, o produto poderá alcançar melhor remuneração para os produtores.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado permanece com fraco movimento de compradores e poucas negociações. Um dos principais motivos para esse comportamento é a dificuldade de repassar aumentos aos produtos destinados aos supermercados, que enfrentam problemas para escoar seus estoques devido ao baixo consumo. Com isso, muitos compradores estão adquirindo apenas o necessário para atender as suas necessidades imediatas.

Caso o ritmo da demanda no varejo não reaja, dificilmente haverá melhoria nos preços. Algumas empresas de pesquisa constataram que, além da queda nas vendas, há maior participação de marcas mais baratas no mercado.

O mercado já apresenta sinais de desaceleração na comercialização, em virtude das festividades de fim de ano e das férias escolares. A tendência é de preços ainda mais baixos, com a proximidade da colheita no Sul do país.

Os agricultores seguem implantando a lavoura da primeira safra e, no Sul, o clima tem sido favorável, proporcionando boas condições de solo e avanço na semeadura. A cultura apresenta bom desenvolvimento, sem problemas fitossanitários relevantes. No Paraná, é comum que parte da produção da primeira safra seja destinada à produção de sementes para a segunda safra. Por isso, nem toda a produção obtida irá abastecer o mercado.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: somando-se as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em novembro, aponta para um volume médio de produção estimado em 3 milhões de toneladas, 1,8% inferior ao registrado na safra anterior.

Nesse cenário, partindo de um estoque inicial de 106,8 mil toneladas, com consumo estimado em 2,8 milhões de toneladas, importações de 21,6 mil toneladas e exportações de 214,4 mil toneladas, projeta-se um estoque de passagem de 118,4 mil toneladas. Esse volume deverá contribuir para a manutenção da normalidade no abastecimento interno.

No que se refere à balança comercial, entre janeiro e outubro deste ano, foram importadas 11,2 mil toneladas, metade do volume registrado em 2024. Essa redução está relacionada, em parte, ao recorde de produção colhida no Paraná, volume superior ao consumo estimado e o maior já registrado na história do estado.

Quanto às exportações, entre janeiro e outubro de 2025, foram embarcadas 452,9 mil toneladas, número bem acima das 343,6 mil toneladas exportadas no mesmo período de 2024.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,6	113,6	3.595,9	3.150,0	176,7	269,2
2020/21	269,2	2.893,8	83,1	3.246,1	2.900,0	223,7	122,4
2021/22	122,4	2.990,2	76,1	3.188,7	2.850,0	136,1	202,6
2022/23	202,6	3.036,7	69,0	3.308,3	2.850,0	139,0	319,3
2023/24	319,3	3.198,6	22,2	3.540,1	2.900,0	343,6	296,5
2024/25	296,5	3.060,6	13,9	3.371,0	2.800,0	464,2	106,8
2025/26	nov/25	121,2	3.075,9	21,6	3.218,7	2.800,0	214,4
	dez/25	106,8	3.004,4	21,6	3.132,8	2.800,0	214,4
							118,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).

**MILHO**

ÁREA
22.727,9 mil ha
+ 4,1%

PRODUTIVIDADE
6.111 kg/ha
- 5,4%

PRODUÇÃO
138.879 mil t
- 1,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 9 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Nov./25	4.039,1	25.866,9
	Dez./25	4.043,1	25.907,0

Fonte: Conab.

No início de dezembro, o plantio da primeira safra 2025/26 de milho alcançou 71,3 % da área estimada de cultivo, andamento semelhante ao da safra passada e às médias dos últimos cinco anos. Na Região Sul, ele foi finalizado no Paraná, e se aproxima da finalização em Santa Catarina. Nesses estados, as baixas temperaturas ocorridas durante certos períodos e excesso de chuvas e nebulosidade retardaram a emergência e o desenvolvimento inicial da cultura, mas ainda sem interferir no potencial produtivo. Além disso,

algumas lavouras tiveram impactos negativos em decorrência das intensas precipitações, fortes ventos e granizos ocorridos no início de novembro. No Rio Grande do Sul, o plantio só será finalizado em janeiro. Nesse estado, especificamente, a redução das precipitações ocorridas a partir da segunda quinzena de novembro já preocupa os produtores.

Em Minas Gerais e Goiás, a irregularidade das chuvas atrasou a implantação das lavouras, que só se regularizaram na segunda quinzena de novembro. Nas Regiões Norte e Nordeste, o plantio avançou na Bahia e já foi iniciado no Maranhão, Piauí e Tocantins.

Nesta safra, é esperado um aumento de 7,2% na área cultivada do cereal, fruto, principalmente, da migração de cultivo de arroz e feijão para o cereal devido às melhores perspectivas de rentabilidade. É esperado o cultivo de 4.043,1 mil hectares, com produção de 25,9 milhões de toneladas e produtividade média de 6.408 kg/ha.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: com 74% da área estimada de cultivado já semeada, o plantio ainda segue atrasado em relação à safra passada, quando já ultrapassava os 87%. Os produtores ainda priorizam o plantio da soja neste momento. No noroeste do estado, os produtores conseguiram avançar bastante o plantio, com as chuvas do início do mês, no entanto elas não permaneceram constantes. Apesar de uma intenção de migração de áreas de soja para o cultivo do milho no triângulo mineiro, houve desistência em parte devido à extensão do período de plantio do milho, que inviabilizaria cultivos de inverno, mantendo-se o cultivo da soja nessas áreas. É importante mencionar que neste início de safra já é observada uma pressão elevada da cigarrinha, mas que ainda segue sob controle pelos produtores. Também

há relatos de ataques pontuais de lagarta elasmo. No geral, as lavouras apresentam bom desenvolvimento.

Rio Grande do Sul: o plantio pouco evoluiu em novembro em razão da colheita das culturas de inverno e da semeadura da soja, alcançando 87% da área prevista no fim do mês.

A evolução da área semeada até o momento se deu em 32% da área prevista em agosto, 47% em setembro, 7% em outubro e apenas 1% em novembro. As áreas semeadas até outubro são as consideradas como sendo do cedo (safra), com maiores potenciais produtivos. As áreas semeadas a partir de novembro são cultivadas em regiões menos tradicionais da cultura, por produtores da agricultura familiar, com menor aporte de recursos, para autoconsumo, sendo muitas delas cultivadas em sucessão ao tabaco ou pastagens de inverno e com menor potencial produtivo. Em novembro uma parcela significativa das áreas iniciou a fase reprodutiva, com 18% em enchimento de grãos e 37% em florescimento.

Até o segundo decêndio de novembro, as lavouras apresentavam boas condições, favorecidas por um regime pluviométrico favorável durante praticamente todo o ciclo e pelas temperaturas amenas, especialmente durante as noites. A cultura ainda possui 45% da área em desenvolvimento vegetativo, com condições próximas da normalidade. As temperaturas amenas favoreceram a sanidade das plantas e, até o momento, são poucos os relatos de danos causados por doenças. Em relação às pragas, foi registrada a presença da cigarrinha-do-milho em algumas regiões, mas os produtores têm realizado o manejo, inclusive com aplicações preventivas de inseticidas. Tem chamado atenção os relatos de presença de percevejos nesta safra, mas as perdas decorrentes da ação deste inseto ainda não puderam ser mensuradas. O manejo das plantas competidoras está praticamente

finalizado nas lavouras do cedo (safra). Nas lavouras semeadas em outubro ainda são realizadas aplicações de fertilizantes nitrogenados, mas a operação está próxima da conclusão. O acumulado pluviométrico, observado em novembro, foi próximo da normal climatológica em praticamente todas as regiões do estado, mas ocorreu de forma acumulada na primeira quinzena do mês. Em lavouras irrigadas, os produtores acionaram o sistema de irrigação para a manutenção de bom índice de armazenamento de água no solo. Ao final do mês, algumas lavouras já apresentam sintomas de estresse hídrico em momento de crucial importância na definição de produtividade. Novas chuvas são imprescindíveis para a cultura. A condição geral das lavouras é boa e permite a manutenção da estimativa inicial de produtividade de 6.641 kg/ha. A diminuição dos volumes acumulados de chuva na segunda quinzena de novembro preocupa, e dezembro será um mês crucial para a definição da produtividade da cultura no estado.



Foto 6 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo e floração - Taquari-RS

Fonte: Conab.

Santa Catarina: o plantio se aproximou da finalização no final de novembro, restando áreas pontuais no Planalto Sul e no Meio-Oeste catarinense. Os estádios variam desde a germinação até os estádios reprodutivos. No Planalto-Norte, as baixas temperaturas e o excesso de nebulosidade

retardaram o desenvolvimento e florescimento do cereal, mas sem afetar o potencial produtivo. Situação que também se repete em outras regiões do estado. A maioria das áreas se encontram no final do desenvolvimento vegetativo e em pré-pendoamento. As pragas estão sob controle, com relatos pontuais de percevejos e trips.

Paraná: com a semeadura da primeira safra de milho já praticamente finalizada em outubro, o clima em novembro afetou diretamente o estande estabelecido. O excesso de chuva e a baixa amplitude térmica desaceleraram o desenvolvimento vegetativo e a absorção de nutrientes nas lavouras. Contudo, o impacto mais grave foi o dano físico: a ocorrência de temporais, granizo e ventos fortes, associados a fenômenos como das regiões de Laranjeiras do Sul, Guarapuava, Turvo e Rio Bonito do Iguaçu, entre outras menos afetadas pelo tornado F3 da escala Fujita, exigiram replantio pontual e comprometeu a uniformidade das lavouras, que estavam em fase inicial de crescimento.

Em novembro, o plantio foi finalizado, e a maioria das áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo, mas um quarto da área já entrou nos estádios reprodutivos. Apesar das intempéries, o desenvolvimento geral das lavouras é considerado satisfatório.

São Paulo: a área estimada de cultivo semeada alcançou 75% no final de novembro, com o plantio acompanhando a ocorrência de chuvas. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, mas afetadas pelas temperaturas mais amenas e alta nebulosidade, o que atrasa o desenvolvimento da cultura.

Mato Grosso do Sul: as precipitações foram regularizadas nesse período, registrando acumulados acima de 80mm em toda a região produtora do cereal. As chuvas, alternadas com dias de sol, proporcionaram condições

favoráveis para a germinação e o desenvolvimento das plântulas da cultura. A safra tem avançado de forma consistente, mesmo após a irregularidade das chuvas em outubro. Como o milho é tradicionalmente implantado após o plantio da soja, ele ganhou ritmo após a regularização das chuvas na



Foto 7 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Castro-PR

Fonte: Conab.

região centro-norte e norte do estado, principais polos de produção, com destaque aos municípios de São Gabriel do Oeste, Chapadão do Sul, Costa Rica e Paraíso das Águas. Nessas áreas, o plantio já atinge cerca de 70% da área estimada para este ciclo, garantindo boa parte das lavouras em épocas adequadas. Aproximadamente 60% das áreas implantadas encontram-se em desenvolvimento vegetativo e cerca de 40% ainda em germinação, reflexo do escalonamento da semeadura conforme a chegada das precipitações. No aspecto fitossanitário, há atenção às pragas iniciais típicas do período, principalmente em áreas que enfrentaram maior variabilidade hídrica.

Mato Grosso: a semeadura foi finalizada no estado. O desenvolvimento inicial é considerado satisfatório, com as lavouras apresentando boas condições de sanidade. Quanto às principais pragas da cultura, não há relatos da ocorrência significativa até o momento.

Goiás: o plantio acelerou após a segunda quinzena de novembro, alcançando 55% da área estimada no fim do mês. Na região sudoeste, conforme observado em safras anteriores, as áreas de milho primeira safra para grãos na região devem ser pontuais, a maioria destinada à produção de etanol ou sementes. Já na região norte, a semeadura das áreas deve acelerar a partir do final de novembro, após a finalização da semeadura da soja. As lavouras semeadas apresentam bom desenvolvimento.

Distrito Federal: o cultivo do cereal começou em outubro, em áreas irrigadas e se observa um intervalo até a segunda quinzena de novembro para semeadura nas áreas de sequeiro, logo após a melhora nas condições de umidade no solo com a chegada mais abundante das chuvas. O plantio se aproxima da finalização, e as condições das lavouras é considerada satisfatória.

Bahia: o plantio avança após as chuvas mais volumosas ocorridas na segunda quinzena de novembro. As lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando bom aspecto na maior parte das áreas.

Maranhão: a semeadura da primeira safra de milho foi iniciada na segunda quinzena de novembro, na região sul, sobretudo em casos em que houve a necessidade de replantio da soja plantada em outubro e início de novembro. Nas demais regiões do estado, o plantio da primeira safra deve iniciar a partir de dezembro de 2025, com a incidência de chuvas, e deve se estender até fevereiro de 2026. A área de plantio da primeira safra prevista é de 308,5 mil hectares, com expansão de 3,5%, em relação à safra anterior. Alguns fatores relacionados a isso são: a implantação de uma biorrefinaria de grãos, em Balsas, que gerou uma alta demanda de milho e sorgo como matéria-prima para fabricação de etanol e seus subprodutos, e expansão de área



Foto 8 - Milho 1ª safra irrigado - Floração - Ibipeba-BA

Fonte: Conab.

nas regiões do leste e oeste do estado devido aos preços atrativos do grão e demanda para o produto. Destacamos, também, que não há informação sobre a distribuição de sementes de milho pelo governo do estado, por meio do Programa Mais Sementes e Mudas.

Piauí: o plantio foi iniciado no final de novembro, devendo se prolongar até o final de dezembro, a depender do regime de chuvas, que continua irregular no estado.

Rondônia: a irregularidade das chuvas reduziu a velocidade de implantação da cultura até meados de novembro, quando as precipitações voltaram a ocorrer com maior regularidade. Já foram semeados 66% da área estimada de cultivo, que deve ser finalizado em dezembro.

Pará: as lavouras estão em fases iniciais de desenvolvimento no sudeste do estado. Houve atraso no plantio devido aos veranicos ocorridos em outubro e parte de novembro em várias regiões. Paragominas, Ulianópolis, Dom Eliseu e Rondon ainda não iniciaram os trabalhos devido à irregularidade das precipitações.

Tocantins: as áreas de milho semeado nas várzeas, cultivadas na última safra com arroz, já se encontram nos estádios reprodutivos e apresentam ótimo desenvolvimento. Os cultivos de sequeiro ocorrem anormalmente em dezembro, após a finalização do plantio da soja.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26													
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL		
			Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C				
TO	Occidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Maranhense	0,46					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C				
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C				
GO	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C				
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C				
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C				
	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C				
MG	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C				
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
SP	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					

Continua

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Oeste Paranaense	0,65	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	1,15	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	2,98	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Paranaense	1,93	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba	1,32	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Oeste Catarinense	4,36	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C			
	Norte Catarinense	1,15	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Serrana	1,27	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Vale do Itajaí	0,59	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
RS	Sul Catarinense	0,48	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 10 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25	17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Nov./25	6.106	110.459,0
	Dez./25	6.105	110.461,0

Fonte: Conab.

O plantio da segunda safra de milho 2025/26 se inicia no final de dezembro. As estimativas de produtividade ainda são baseadas em modelos estatísticos. O atraso no plantio da soja em grande parte do país deve comprometer as estimativas, tanto de área como produtividade, devido à provável redução do pacote tecnológico usado pelos produtores, como pela opção de culturas alternativas, como sorgo, feijão, milheto ou plantas de serviço.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	632,5	3.406	2.154,4
2023/24	650,1	3.868	2.514,9
2024/25	639,4	4.494	2.873,4
2025/26	Nov./25	592,1	2.510,9
	Dez./25	592,1	2.510,9

Fonte: Conab.

A colheita ocorre em todas as regiões produtoras e se encontra atrasada devido ao prolongamento da estação chuvosa nas regiões produtoras. Essa maior permanência das lavouras em campo tem favorecido a uma maior infestação de gorgulho nas espigas, o que pode afetar a qualidade do produto. Mesmo assim, ainda é estimada uma produção de 2,88 milhões de toneladas, recorde para a terceira safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: de um modo geral, as lavouras cultivadas apresentaram um bom desenvolvimento ao longo de todo o ciclo. Já foi colhida 80% da área cultiva com a lavoura, apresentado um rendimento médio de 5.230 kg/ha. A previsão de encerramento da colheita é no final do corrente mês.

Bahia: a colheita está praticamente finalizada, com boas produtividades sendo obtidas.

Pernambuco: apesar do atraso na semeadura no aguardo de umidade suficiente no solo, as lavouras beneficiaram-se com a estabilização do quadro climático. A produção de milho da terceira safra em Pernambuco concentra-se no Agreste. Os cultivos apresentaram boas condições e encontram-se, em sua totalidade, colhidos.

Sergipe: a colheita de milho no estado finalmente avançou em novembro, pois as precipitações reduziram e o tempo se firmou. Dessa forma, as temperaturas elevadas e a redução significativa das chuvas contribuíram para a redução também da umidade do grão, possibilitando assim avanços consideráveis nas operações de colheitas nas principais regiões produtoras. A estimativa atual é que 80% das áreas já foram colhidas até o final de novembro, com previsão para encerrar no próximo mês.

Nesta safra, as condições climáticas foram mais favoráveis, com uma melhor distribuição das chuvas ao longo do ciclo. Consequentemente, o estado geral das lavouras foi satisfatório, especialmente em regiões que historicamente sofrem com deficit hídrico. Como resultado, observou-se que os rendimentos serão superiores à safra passada, com destaque para os municípios de Frei Paulo, Pinhão, Pedra Mole e Simão Dias. Os prejuízos ocasionados pelos veranicos ocorridos no início da safra foram se diluindo

ao longo dos meses, quando as chuvas ficaram mais regulares e volumosas, e se prolongaram até outubro por várias regiões. Esse avanço das chuvas até outubro salvou muitas lavouras plantadas tarde, mas trouxe também prejuízos na qualidade do grão, uma vez que no momento o índice estimado é de 5% de grãos ardidos da produção total.

Roraima: o clima foi favorável à cultura durante todo o ciclo do cereal, e a colheita se aproxima da finalização no estado.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
				Milho terceira safra - Safra 2024/25							
				MAI	JUN	JUL	AGO	SET			
UF	Mesorregiões	Produção* %		MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	0,58	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Norte de Roraima	3,61	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano	0,30	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,82	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sertão Alagoano	0,98	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
AL	Agreste Alagoano	2,07	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Alagoano	0,70	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sertão Sergipano	25,38	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
SE	Agreste Sergipano	16,48	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Leste Sergipano	4,03	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Extremo Oeste Baiano**	1,77	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
BA	Nordeste Baiano	41,67	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Centro Norte Baiano	0,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

Continua

OFERTA E DEMANDA

A Conab prevê uma colheita de 138,9 milhões de toneladas, o segundo maior volume já registrado no país.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,56 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, a Conab estima importações de 1,7 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, devem atingir 40 milhões de toneladas, impulsionadas pela ampla oferta interna e por possíveis mudanças na demanda global em razão de conflitos tarifários entre os Estados Unidos e países compradores, o que favorece o milho sul-americano. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 14,06 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 7,2% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço será motivado por perspectivas de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 3,8% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 6% na produtividade deverá provocar uma redução de 2,4% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 138,88 milhões de toneladas, representando um recuo de 1,5% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado nível de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,5% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar uma leve redução em relação ao ciclo anterior.

TABELA 12 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL ^a
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.997,7	38.500,9	1.882,0
2024/25	1.882,0	141.037,4	1.700,0	144.619,4	90.557,1	40.000,0	14.062,3
2025/26	nov/25	14.118,5	138.836,9	1.700,0	154.655,4	94.600,9	46.500,0
	dez/25	14.062,3	138.879,0	1.700,0	154.641,3	94.603,6	46.500,0
							13.537,7

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em dezembro /2025

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.935,6 mil ha

+3,4%**PRODUTIVIDADE**

3.620 kg/ha

-0,1%**PRODUÇÃO**

177.123,6 mil t

3,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 13 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25	47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Nov./25	49.063,4	177.601,6
	Dez./25	48.935,6	177.123,6

Fonte: Conab.

Em novembro, a irregularidade das precipitações continuou em todas as regiões. Na Região Sul, mesmo as precipitações da primeira quinzena do mês houve um grande avanço na área plantada. Já nas Regiões Centro-Oeste, Norte/Nordeste e Minas Gerais, a irregularidade delas atrasou os trabalhos de campo, que chegaram a ser interrompidos em certos períodos. Replantios ocorreram em todas essas regiões.

A partir da segunda quinzena de novembro, as precipitações se normalizaram nessas regiões, permitindo um avanço na área semeada, que alcançou 90,3%

da área estimada no início de dezembro, aproximando das médias dos últimos anos. O plantio foi finalizado em Mato Grosso e se aproxima da finalização em grande parte do país, mas se prolongará até meados de fevereiro no Pará e Maranhão.

Atualmente, essa irregularidade das chuvas tem afetado o Rio Grande do Sul, que, após as condições iniciais de plantio e desenvolvimento inicial favoráveis, tem sofrido nas últimas semanas com restrição hídrica em diversas regiões. Além disso, esse atraso na regularização das precipitações deslocou o plantio da soja, em grande parte das regiões do país, para épocas que comprometem a instalação do milho segunda safra, o que pode comprometer tanto o nível de investimento dos produtores quanto a área a ser semeada.

Nesta safra, está previsto o cultivo de 48.935,6 mil hectares com a oleaginosa, 3,4% superior ao da última safra, e a produção estimada é de 177.123,6 mil toneladas, 3,3% superior à da safra 2024/25. Esses números iniciais ainda indicam uma possibilidade de novo recorde nesta safra que se inicia.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a semeadura da soja foi finalizada em todo o estado. As lavouras apresentam, de modo geral, um desenvolvimento vegetativo satisfatório, com lavouras semeadas em setembro já em enchimento de grãos. No entanto, pelo segundo mês consecutivo, ocorreram replantios pontuais em alguns talhões devido à ocorrência de veranicos. Vale ressaltar que o atraso no plantio durante outubro implicará em perda da janela ideal de cultivo do milho segunda safra em muitas áreas, comprometendo o nível tecnológico a ser usado pelos produtores e a decisão de semear o milho ou outra cultura em sucessão à soja.



Foto 9 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Querência-MT

Fonte: Conab.

Paraná: as áreas estavam com 97% semeadas no final de novembro, e as lavouras se encontram desde áreas germinando até talhões em enchimento de grãos. A maioria delas apresenta bom desenvolvimento. No entanto, o clima de novembro impôs severos fatores limitantes, como: a baixa luminosidade e a baixa amplitude térmica desaceleraram o crescimento, enquanto várias lavouras foram afetadas por erosões, chuvas torrenciais, chuvas de granizo, ventanias e tornados.



Foto 10 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Ipiranga-PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: nas regiões centro-norte e norte do estado, a cultura apresenta um quadro mais consolidado em relação ao início da safra, após um outubro marcado por irregularidade hídrica e atraso nas operações de plantio. Com a retomada gradual das chuvas ao longo da segunda quinzena de outubro e início de novembro, ainda que de forma irregular em algumas sub-regiões, o plantio avançou de maneira significativa, devendo-se encerrar ainda em novembro. Nas demais regiões a semeadura se encaminha para o final, com exceção das regiões do pantanal e parte do oeste, devido ao clima irregular e opção por implantação mais tardia, respectivamente.

Embora algumas regiões tenham apresentado realidades distintas, de modo geral, as lavouras estão em excelentes condições, com estande adequado e bom desenvolvimento de plantas. No aspecto fitossanitário, o cenário começou a exigir maior atenção.

Na região norte, embora as condições mais secas de outubro tenham contribuído para um início de ciclo com menor pressão de doenças, os tratamentos fitossanitários já foram iniciados em boa parte das propriedades, sobretudo para o controle das pragas de maior incidência neste período inicial. Na região sul, as atenções estão voltadas para o controle do caramujo no estádio inicial das plantas. Além desses citados, observa-se também que a população de percevejo está alta e nesse caso o inseticida tem sido pulverizado junto com a dose de fungicida nos talhões em florescimento pleno.



Foto 11 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Pedro Gomes-MS

Fonte: Conab.

Rio Grande do Sul: evoluiu significativamente a semeadura da cultura, passando de 9% no final de outubro para 65% no final de novembro. Embora a evolução seja significativa, a operação está ligeiramente atrasada em relação à safra passada (69%). Em algumas regiões, as chuvas localizadas recorrentes, embora de volumes baixos, de 5 mm a 15 mm, impediram a entrada das máquinas, retardando ainda mais as operações de plantio. Também atrasa a evolução do cultivo o ciclo das culturas de inverno, que nesta safra foram semeadas mais tarde e apresentaram ciclo mais longo em razão das temperaturas menores observadas no inverno.

Já em algumas regiões, a irregularidade das chuvas causou variabilidade na umidade do solo, provocando paralisação temporária do plantio em virtude da baixa umidade deste. Por fim, alguns produtores ainda não conseguiram viabilizar o custeio da safra, não iniciando as operações no período recomendado. A questão da falta de acesso ao crédito pelos produtores,

além de provocar leve atraso na semeadura também reflete em menores investimentos na cultura.

A maioria das áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo e apresentavam, até o final de novembro, bom desenvolvimento. As lavouras já emergidas apresentam boa germinação e estabelecimento da população de plantas. Há relatos de germinação mais lenta em variedades precoces, em parte, por causa das temperaturas noturnas amenas, que retardam a emergência. As chuvas observadas em novembro totalizaram volumes próximos das normais climatológicas nas diferentes regiões produtoras, mas com maior concentração na metade inicial do mês. Essa redução das precipitações ocorridas a partir da segunda quinzena de novembro já preocupa os produtores, pois as previsões para o início de dezembro indicam baixas ou nenhuma precipitação.

Considerando a parcela da área prevista já semeada, a diminuição do investimento em insumos nas lavouras, a condição das lavouras já emergidas, o índice de armazenamento de água no solo e as previsões do tempo para os próximos meses, mantemos nossa estimativa inicial de produtividade de 3.129 kg/ha, inferior ao potencial da cultura no campo, mas condizente com o atual cenário da cultura no estado.

Foto 12 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Taquari-RS



Fonte: Conab.

Goiás: o plantio foi considerado atrasado durante várias semanas, após o término do vazio sanitário, mas se aproximou da média das últimas safras, alcançando no final de novembro 85% da área estimada de cultivo. No sudoeste, principal região produtora, 99% das áreas já foram semeadas, restando apenas áreas marginais. As últimas áreas foram cultivadas na última semana de novembro e um pequeno percentual ficará para a primeira semana de dezembro. Algumas lavouras da região sul estão na fase de floração, principalmente as áreas irrigadas, enquanto nas regiões norte e leste encontram-se, em sua maioria, em fase inicial vegetativa.

A irregularidade de chuvas foi o principal fator em novembro, por causar interrupções e lentidão no plantio em todas as regiões, com relatos de ressemeadura nas regiões sul e leste. O potencial das lavouras já instaladas ficou comprometido em algumas áreas, tanto quanto à uniformidade do estande como a sua sanidade, esta última devido ao baixo regime de chuvas e altas temperaturas, que inviabilizam os tratamentos fitossanitários. Muitos produtores, no entanto, preferiram arcar com o estande mais baixo do que realizar uma ressemeadura.

A área cultivada no estado permanece em 5.152,9 mil hectares e, atualmente, a produtividade média estimada é de 3.982 kg/ha. Contudo, este patamar está ameaçado. Há sinais de queda na produtividade devido a condições climáticas extremas, que variaram desde ventos fortes, tempestades e granizo, até o estresse hídrico em diferentes localidades. Adicionalmente, a potencial redução do pacote tecnológico, como a diminuição na adubação e na aplicação de defensivos, por parte dos produtores, visou reduzir custos, que também é um fator de risco que pode comprometer a média final.



Foto 13 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Morrinhos-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: tivemos uma semeadura de soja muito lenta no estado, tanto em meados de outubro quanto no início de novembro, inclusive com a semeadura sendo suspensa em algumas regiões devido à falta de umidade no solo. No Alto Paranaíba/Triângulo Mineiro e Centro-Oeste tivemos interrupções em meados de outubro, já no Noroeste as interrupções ocorreram tanto em outubro quanto no início de novembro. Inclusive nesta região, as lavouras irrigadas estão sob racionamento de água.

No final de novembro, 85% da área estimada havia sido semeada, contra 95,6% na safra passada. Salientamos que parte das lavouras de sequeiro semeadas ainda em outubro tiveram estande reduzido devido à falta de umidade. Apesar deste fato, os replantios na cultura foram pontuais. Também verificamos que o controle de plantas daninhas estava atrasado devido à falta de condições climáticas mínimas para a aplicação dos herbicidas. O desenvolvimento geral da cultura é considerado regular.

Santa Catarina: ao final de novembro, a área semeada alcançou 65% da estimativa de cultivo, atrasada em relação ao último ciclo e as médias dos últimos cinco anos. Esse atraso foi devido ao excesso de precipitações ocorridas em outubro e na primeira quinzena de novembro, que dificultou a entrada das plantadeiras no campo, além de atrasar também a colheita das

culturas de inverno, pois essas áreas são cultivadas com a soja em sucessão. Essas chuvas constantes, aliadas a baixas temperaturas, também retardaram o estabelecimento e desenvolvimento da oleaginosa em grande parte do estado. Apesar disso, o desenvolvimento da soja é considerado satisfatório na maioria das regiões.

São Paulo: o plantio foi finalizado, e as condições climáticas estão sendo consideradas satisfatórias, exceto pela pouca luminosidade e as temperaturas mais amenas, que têm retardado o desenvolvimento da cultura.

Distrito Federal: os produtores brasilienses intensificaram a semeadura a partir de meados de novembro, com aproximadamente 95% da área semeada na semana do levantamento. No entanto, a normalização das chuvas chegou somente no final de novembro, melhorando as condições de umidade no solo e favorecendo a germinação e o desenvolvimento inicial da cultura.

Bahia: o plantio avança com rapidez e deve se estender até o fim de dezembro. As lavouras estão em fase de germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, apresentando ótimo vigor, não havendo relatos de problemas com pragas e doenças. Os produtores têm manifestado preocupação com o custo de produção, no entanto, a alta produtividade alcançada ano após ano mantém os produtores no ritmo de expansão e investimentos.

Maranhão: o plantio foi iniciado em outubro de 2025, na região sul do estado. No fim de novembro ele alcançou 24% da área estimada de cultivo. No sul maranhense, após as ocorrências de chuvas iniciais em outubro e início de novembro, ocorreu um longo período de estiagem, o que prejudicou a soja plantada. Os volumes de chuvas reduzidos resultaram em baixa umidade no solo, prejudicando a germinação e o estabelecimento inicial da cultura.

Em diversos talhões, a semeadura foi realizada sob níveis críticos de umidade, conhecido como plantio no pó, prática adotada como alternativa para garantir o escalonamento operacional diante da irregularidade das chuvas. No entanto, isso acarretou falhas de estande, desuniformidade na emergência, além de maior suscetibilidade a pragas de solo e patógenos e comprometimento do potencial produtivo da cultura. Esse cenário forçou os produtores a replantarem, segundo estimativas, de até 12% de área semeada nessa região.

Houve um avanço de plantio na segunda quinzena de novembro de 2025 em razão de chuvas significativas, mas a operação está muito atrasada em relação ao mesmo período do ano anterior e da média dos últimos anos.

Além dos fatores climáticos, neste ano há problemas como: falta de crédito para cultivo com juros atrativos, falta de disponibilidade de crédito, menor volume de crédito disponibilizado ou ainda exigências maiores para concessão de empréstimos em bancos ou outros agentes financiadores, têm desanimado o produtor. A principal alteração do cultivo de soja, nesta safra, será a diminuição de investimento e do nível de tecnologia usada para o cultivo, com redução no uso de defensivos e, principalmente, fertilizantes, utilizando as “reservas” existentes no solo já trabalhado em outros anos.

Nas regiões leste, oeste e centro maranhense, os produtores estabelecem o plantio com maior intensidade, a partir de dezembro, de acordo com a ocorrência das chuvas. Nessas regiões, o plantio ocorre até fevereiro de 2026. Atualmente, os produtores estão realizando manutenções de área ou preparo do solo. Apenas em Mirador, na região das Chapadas do Alto Itapecuru, no leste do estado, o plantio da soja foi iniciado aos poucos, em torno de 5% da área.

Piauí: o plantio da cultura acontece em quase sua totalidade em novembro e, nesta safra, teve início no último decêndio de outubro, com o registro das primeiras chuvas. Porém, a partir do início de novembro, houve paralisações da semeadura devido à falta de chuvas, operação que foi retomada durante a semana deste terceiro levantamento, com o retorno das precipitações na maior parte da região produtora. Para a safra 2025/26, a perspectiva indica aumento de área em 4,6%.



Foto 14 - Soja irrigada - Floração - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: a área semeada alcançou 83% da área prevista no final de novembro, próxima à média das últimas safras. Porém, esse avanço no plantio ocorreu após a primeira quinzena de novembro. Em algumas regiões ele ainda continua atrasado, como no centro-norte e nordeste. Em Campos Lindos, região que tradicionalmente realiza o plantio em quase sua totalidade em outubro, ainda não tinha finalizado as operações durante o levantamento.

Muitos produtores que decidiram realizar o plantio no “pó” tiveram que realizar replantios devido às baixas precipitações e às altas temperaturas que comprometeram tanto a germinação como o estabelecimento inicial da cultura. As lavouras se encontram desde a fase de germinação até o início dos

estádios reprodutivos, e o desenvolvimento geral da cultura é considerado regular.

Pará: em novembro, o sudeste e sudoeste do Pará, regiões que primeiro plantam a soja, registraram condições climáticas atípicas, com precipitações bem abaixo das normais climatológicas e mal distribuídas. Essa situação resultou em necessidade de replantio em diversas áreas no sudeste do estado. Apesar desses eventos, a maioria das lavouras apresentam boas condições, e os plantios nos polos de Santarém e Paragominas estão na eminência de início.

Rondônia: as precipitações continuaram irregulares no estado até o primeiro decêndio de novembro, atrasando a implantação da cultura. Após esse período, as chuvas se tornaram mais frequentes, tanto em volume como em localização. Ao final desse levantamento, 92% da área estimada de cultivo havia sido semeada, e os estádios de desenvolvimento vão desde a germinação até o estádio de enchimento de grãos, nas lavouras semeadas precocemente. Apesar do atraso e da irregularidade das chuvas, as lavouras apresentam bom desenvolvimento.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Occidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
RS	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
RS	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
RS	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2024/25

No balanço de oferta e demanda de soja, referente a dezembro de 2025, as projeções indicam para um pequeno ajuste na estimativa de exportações da safra 2024/25, com aumento de 313 mil toneladas, totalizando agora 106,97 milhões de toneladas. Há, até mesmo, possibilidade desse volume ser ligeiramente superado, o que será confirmado no próximo relatório.

As estimativas de produção e consumo interno permanecem inalteradas. Com isso, os estoques de passagem ao final de 2025 foram ajustados para 10,43 milhões de toneladas.

SAFRA 2025/26

Para a safra 2025/26, houve uma revisão na estimativa de produção, com uma redução de 478 mil toneladas, situando-se agora em 177,12 milhões de toneladas. Consequentemente, as exportações foram ajustadas para baixo, em 102 mil toneladas, totalizando 112 milhões de toneladas. Como reflexo dessas alterações, os estoques de passagem também foram reduzidos em 679 mil toneladas, sendo agora projetados em 12,92 milhões de toneladas.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	900,0	179.611,8	62.209,8	106.969,5	10.432,5
	2025/26	10.432,5	177.123,6	500,0	188.056,1	63.134,8	112.005,0	12.916,2
FARELO	2024/25	3.367,3	45.154,1	1,0	48.522,4	19.500,0	23.600,0	5.422,4
	2025/26	5.422,4	45.733,3	1,0	51.156,7	20.000,0	24.696,0	6.460,7
ÓLEO	2024/25	465,2	11.714,0	100,0	12.279,3	10.464,0	1.400,0	415,3
	2025/26	415,3	11.924,0	50,0	12.389,3	10.630,0	1.400,0	359,3

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em dezembro/2025.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA
2.444,6 mil ha
- 20,1%

PRODUTIVIDADE
3.257 kg/ha
+26,3%

PRODUÇÃO
7.961,2 mil t
+0,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Nov./25	2.444,4	7.687,4
	Dez./25	2.444,6	7.961,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Com a aproximação do encerramento da safra 2025, a produção total de trigo é estimada em 7.961,2 mil toneladas, volume 0,9% superior ao registrado no ciclo anterior. Esse crescimento decorre de ajustes realizados ao final da safra no Paraná e Santa Catarina, impulsionados pelas condições climáticas predominantemente favoráveis ao longo do ciclo, ainda que tenham ocorrido, pontualmente, fatores adversos em algumas regiões.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a principal cultura de inverno do estado e segunda maior em área cultivada se aproxima do final de mais uma safra. Favorecida pelo tempo seco, especialmente, na segunda metade de novembro, a colheita da cultura evoluiu e já foi realizada em 94% das áreas, com previsão de conclusão na primeira quinzena de dezembro.

No Alto Uruguai e Missões, principal região produtora, a colheita avançou em ritmo acelerado durante novembro, especialmente na metade inicial do mês. No ano anterior, neste mesmo período, a colheita já estava encerrada na região, consequência do atraso da semeadura ocorrida pelas chuvas intensas e frequentes no início do ciclo.

Com a regularização das chuvas, o aumento da insolação e a manutenção de temperaturas amenas, os resultados produtivos foram se consolidando como razoáveis a bons, ainda que sob baixo investimento por parte dos produtores. Todavia, algumas chuvas no final do ciclo, principalmente durante outubro, e o aumento da temperatura, trouxeram problemas sanitários às lavouras, que registram alta incidência de brusone e giberela. Os resultados de campo ainda estão sendo consolidados, mas a produtividade média da região deverá ficar próxima de 3.000 kg/ha. O peso hectolitro dos grãos é bom, com média de 78, contudo houve cargas com PH de até 84. Algumas cargas com PH baixo estão sendo destinadas ao arraçoamento animal.

No Planalto Médio, a colheita também foi encerrada, com produtividade satisfatória quando a fenologia coincidiu com janelas de clima seco para secagem de grãos. Nas áreas com manejo adequado foram obtidas produtividades superiores a 3.700 kg/ha, mas a média da região deverá se aproximar da média estadual, de 3.100 kg/ha a 3.200 kg/ha.

Beneficiada pelo tempo seco, a colheita na Região Central, Campanha e Sul também evoluiu bem em novembro. Na região Central a operação foi concluída na segunda quinzena do mês. A produtividade média na região é de 3.000 kg/ha, mas observa-se grande variabilidade em quantidade e qualidade dos grãos.

Na região Sul ainda restam algumas lavouras pontuais para serem colhidas, mas pouco representativas em termos de estado. A área semeada na região nesta safra foi menor, perdendo espaço para a pecuária. A produtividade média da região está em 2.700 kg/ha.

Na região da Campanha, a colheita está finalizada, com as últimas lavouras colhidas na segunda quinzena de novembro devido ao plantio tardio. A produtividade média da região está em 2.400 kg/ha, com grande variabilidade em quantidade e qualidade.

Em termos de estado, a qualidade industrial dos grãos, em muitas áreas, tem se mantido adequada para panificação/moagem, especialmente onde o ciclo teve estiagens no fim do ciclo, resultando em boa maturação dos grãos. Mas, nas áreas com manejo insuficiente, houve maior incidência de doenças e, em alguns lotes do produto, são observados altos índices de DON (micotoxina).

Paraná: a influência do clima de novembro de 2025 foi um contraste entre o bom resultado de produtividade e perda de qualidade na área remanescente da colheita. A produtividade final superou a safra anterior, um resultado impulsionado pelas condições favoráveis durante o ciclo da cultura. No entanto, o regime de chuvas excessivas e temporais de novembro impôs um fator limitante qualitativo ao final da colheita, concentrada no sul do estado, pois a exposição do grão maduro à umidade aumenta o risco de

germinação na espiga e consequente perda do padrão industrial do trigo.

Com a colheita praticamente finalizada, o clima permitiu o bom desenvolvimento das lavouras. As lavouras em condições regulares foram resultado das condições climáticas dos meses anteriores, principalmente no final de junho, como geadas, períodos de estiagem e até com alguns períodos curtos de calor, não característico desta época do ano.

Em novembro, apesar das condições climáticas adversas, o trigo estava mais concentrado na região leste, que não foi tão afetado. O trigo teve redução de área em relação à safra passada, proveniente de frustração das condições climáticas desfavoráveis de safras passadas, preço e condição de mercado.



Fonte: Conab.

Assim, a produção teve influência direta da produtividade, que está estimada com aumento em relação à safra passada.

Santa Catarina: no Planalto Norte, Sul e Serra Catarinense, a colheita do trigo segue conforme as condições climáticas permitem. A média de áreas colhidas é de aproximadamente 62%, no momento do levantamento, e a percepção de campo, até o momento, é de uma boa safra, com peso hectolítrico (PH) igual ou superior a 78 e produtividades variando entre 3.600 kg/ha e 4.200 kg/ha. Os

cultivos estão, em sua maioria, em fase de colheita. Enquanto no Planalto Norte a colheita se aproxima do encerramento em alguns municípios, no Planalto Sul ela está apenas começando. As lavouras apresentam, até o momento, condição sanitária satisfatória e bom desenvolvimento.

No Meio Oeste Catarinense, a colheita avança de forma gradual, alcançando 47% da área plantada. Nas últimas semanas, a região foi afetada por chuvas frequentes, que variaram de baixa a alta intensidade, muitas vezes acompanhadas por ventos fortes e até granizo. Essa condição prejudicou as operações agrícolas, como a aplicação de defensivos nas lavouras mais tardias, além de dificultar a colheita das áreas mais precoces. Como consequência, observou-se redução na qualidade de parte da produção, especialmente onde não foi possível realizar tratamentos preventivos com fungicidas. Apesar disso, houve aumento nas estimativas de rendimento, agora entre 3.400 kg/ha e 4.500 kg/ha, com PH dentro dos padrões exigidos pelas moageiras.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2025									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,66	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Leste Goiano**	1,03	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas**	0,94	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	3,04	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas	0,93	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Campo das Vertentes	0,84	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Bauru	1,10	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C				
	Itapetininga	4,32	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C			

Continua

Legenda – Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2025									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
PR	Centro Ocidental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Central Paranaense	9,21	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	5,97	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C				
	Centro Oriental Paranaense	6,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,68	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	7,67		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	5,64		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	1,82		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
SC	Oeste Catarinense	2,55		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Catarinense	0,43		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Serrana	0,70		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	23,58		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	1,92			S	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	2,51		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	0,63		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	3,83		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,75		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em novembro de 2025, a colheita de trigo avançou significativamente no país e encontra-se praticamente concluída na maior parte dos estados, restando volumes relevantes apenas no Rio Grande do Sul, 99% colhida, e em Santa Catarina, 74% colhida. No Rio Grande do Sul, o ambiente de negócios segue mais lento, com liquidez restrita, marcada por preocupações com a qualidade e postura defensiva de compradores, que, em geral, estão abastecidos até os primeiros meses de 2026. As cotações para o trigo pão tipo 1 fecharam o mês próximas a R\$ 56 por saca. No Paraná, parte dos moinhos já vinha operando com trigo importado a preços competitivos, mantendo baixa flexibilidade nas negociações.

No início de dezembro, os preços mostram relativa estabilidade no mercado gaúcho. As indicações para trigo de qualidade para moagem variam entre R\$ 1.080 e R\$ 1.150 por tonelada, posto moinhos, enquanto no porto, os valores giram em torno de R\$ 1.160, para embarques em dezembro, e R\$ 1.180 para janeiro. Para o trigo destinado à ração, as cotações permanecem próximas, refletindo um mercado ainda pressionado pela oferta. A comercialização segue abaixo do esperado, com a exportação sendo responsável por grande parte do volume comercializado, enquanto a indústria de ração mostra menor interesse diante de questões de qualidade e da competitividade do milho.

Os dados de line-ups confirmam que a exportação permanece como o principal canal de escoamento do trigo gaúcho nesta temporada, com embarques já realizados e/ou programados e forte predominância de destinos asiáticos, especialmente Vietnã e Bangladesh. Estimativas de mercado apontam que cerca de 1,2 milhão de toneladas já foram comercializadas, equivalente a 34,28% da safra, com projeção de aproximadamente 950 mil toneladas destinadas ao mercado externo. No cenário internacional, a perspectiva de oferta global elevada permanece, com recuos nos preços de exportação da Rússia e revisão positiva da estimativa de safra australiana, fatores que tendem a manter pressão sobre as cotações externas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024*	505,3	7.889,3	6.832,5	15.227,1	11.890,6	1.960,1	1.376,4
2025**	nov/25	1.376,4	7.687,4	6.703,0	15.766,8	11.812,7	2.037,0
	dez/25	1.376,4	7.961,2	6.703,0	16.040,6	11.812,7	2.240,7
							1.987,2

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em dezembro/2025

**Previsão

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: chuvas regulares e clima satisfatório favoreceram o avanço da semeadura e desenvolvimento do amendoim no estado. Na região sudeste, onde se concentra boa parte do amendoim cultivado, os acumulados de precipitação ultrapassaram os 300 mm, oferecendo condições de umidade acima do esperado, conforme o histórico da região. Já nas regiões norte e sul, as precipitações também foram gerais, porém com variações entre 100 mm e 200 mm.

Beneficiada pela regularização das precipitações e boa umidade do solo, as lavouras de amendoim têm apresentado manejo adequado e desenvolvimento inicial satisfatório.

Com relação ao aspecto fitossanitário, as precipitações recorrentes têm dificultado o manejo e outras operações agrícolas, principalmente no controle de plantas invasoras. O controle de pragas está sob controle, com baixa incidência no complexo de lagartas e tripes.



Foto 16 - Amendoim 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Bataguassu-MS

Fonte: Conab.

Paraná: o período de novembro de 2025 no estado registrou anomalias de precipitação, com a ocorrência de chuvas excessivas e eventos de alta severidade (temporais), nas regiões críticas para o amendoim, o que estabeleceu um cenário de alto risco que exige atenção contínua.

A coincidência desse regime hídrico adverso com a fase de semeadura/emergência do amendoim potencializou o atraso na implantação das lavouras e aumentou drasticamente a pressão fitossanitária.

A saturação hídrica elevou o risco de infecção por patógenos de solo, notadamente os agentes causadores de tombamento, isso demanda monitoramento intensivo e intervenção de fungicida imediata e futura, sob pena de comprometer a uniformidade do estande e a viabilidade econômica da safra.

Apesar do atraso no plantio, a cultura já está com 100% da área plantada, com 3% em germinação e 97% em desenvolvimento vegetativo. A área teve redução considerável, especificamente na região de Paranavaí, que antes era a maior produtora, segundo informações de um grande produtor que migrou para soja em virtude das melhores condições comerciais, preço e mercado da soja.

As lavouras apresentam alguma alteração em suas condições, estimadas como boas em 99% da área plantada e regulares em 1%, reflexo da menor disponibilidade de água no solo em setembro e do excesso de chuvas neste mês.

Minas Gerais: a cultura ganhou novas áreas no estado nesta safra, assim como na safra anterior. A cultura está se mostrando muito atrativa economicamente e vem oferecendo valores de arrendamento superiores aos praticados no plantio da soja.

Como a cultura é cultivada sob solos mais arenosos e só houve volumes precipitados satisfatórios nas últimas semanas, a semeadura foi mais tardia, e as lavouras estão nos estádios iniciais de desenvolvimento.

A estimativa é que a produção alcance 54,8 mil toneladas de amendoim no estado.

Tocantins: o acumulado de chuvas nos últimos quinze dias, considerando o mapa do dia 21 de novembro de 2025, registra volumes a partir do dia 5 de novembro de 30 mm a 50 mm. Em municípios produtores na região sul do estado o acumulado foi de 40 mm.

Com o atraso das chuvas, houve demora na subsolagem da área, assim, o produtor iniciará o plantio a partir do dia 20 de novembro, com previsão de

conclusão em 20 dias. O produtor optará por duas variedades com diferentes ciclos, que vão de 120 a 130 dias e de 130 a 150 dias, para escalaronar a colheita.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva				Média Restrição - Excesso de Chuva				Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
Alta Restrição - Falta de Chuva				Alta Restrição - Excesso de Chuva				Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
UF	Mesorregiões	Produção* %	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
SP	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a cultura evolui para a fase reprodutiva, e o regime de chuvas regular, com intervalos de boa insolação e temperaturas amenas trazem boas condições para o desenvolvimento da cultura e, consequentemente, a manutenção da expectativa de aumento na produtividade média.

A evolução da semeadura da cultura se deu em 25% da área prevista em julho, 65% em agosto e 10% em setembro, dentro do período recomendado tecnicamente.

A cultura encontra-se com 71% em floração e 21% em desenvolvimento vegetativo. As primeiras áreas semeadas, 8%, já estão em fase de enchimento de grãos, e o início da colheita está previsto para a segunda quinzena de dezembro.

O cultivo de girassol acontece principalmente na região das Missões, Alto Uruguai e Oeste do Planalto Médio. Também é nestas regiões que estão as unidades recebedoras da produção que se destina, principalmente, a produção de óleo culinário e alimentação animal.

Nesta safra também houve incremento na área plantada em relação à safra passada. Este crescimento se deu pela maior disponibilidade de sementes neste ciclo, algo que foi deficitário em 2024, bem como pelo histórico de bons resultados nas últimas safras e por permitir o plantio de terceira safra, safrinha.

O girassol alto-oleico, além do preço homólogo ao da soja, recebe pagamento de prêmio. Todavia, a produção, mesmo regular, que foi contratada ao preço de soja antes da redução dos preços, já remunera mais os produtores e traz a expectativa de um bom retorno econômico.

MAMONA

Bahia: há expectativa de aumento da área cultivada, com boa parte dessa expansão ocorrendo em áreas de milho, que vem perdendo força no ciclo de verão para uma opção de cultivo do cereal no período de terceira safra, plantio de inverno, com uso de irrigação suplementar, no oeste baiano.

Com as chuvas ocorridas o plantio avança. Observa-se a redução das lavouras

de segunda safra, pois muitas lavouras ficaram depauperadas após 5 meses sem a ocorrência de chuvas. Assim, a área de renovação de lavoura deve ser maior que safras anteriores.

Com a ocorrência das chuvas foi observada a recuperação das lavouras de segundo ciclo de sequeiro, que se apresentam em fase de floração e enchimento de grãos. As lavouras irrigadas de segunda safra seguem em fase de enchimento de grãos, maturação e colheita. O plantio das novas lavouras, sequeiro e irrigado, avançam, e os campos estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, não havendo relatos de perdas.



Foto 17 - Mamona sequeiro - Enchimento de grãos - Morro do Chapéu-BA

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a colheita evoluiu significativamente no último mês, chegando à fase final das operações, com apenas 3% da área total a ser colhida, na região do Planalto Superior, visto que tais lavouras remanescentes já estão em estádio de maturação. Há uma aceleração nessa sega, justamente para concluir-la antes do início das chuvas da estação do verão.

As produtividades obtidas apresentaram grande variação entre as regiões produtoras, refletindo o pacote tecnológico adotado e as condições edafoclimáticas de cada localidade, considerando algumas perdas em razão de intempéries pontuais como registro de geadas e chuvas no período de maturação da cultura. Contudo, a média estadual ficou ligeiramente acima dos 2.500 kg/ha.

Em relação à qualidade, de forma geral, a alternância entre dias ensolarados e chuvas, com períodos secos que favoreceram secagem de grãos em várias áreas, resultaram em boa qualidade para a indústria/mercado.

Paraná: mesmo com o regime de chuvas intensas em novembro e a consequente redução na evolução da colheita por conta dessa alta umidade, as poucas janelas de períodos mais secos, sem chuvas, foram suficientes para concluir a colheita no estado.

O clima não se configurou como fator prejudicial, pois a cultura já apresentava maturidade fisiológica definida, o que mitigou o risco de perdas qualitativas,

como debulhamento e grãos avariados, e garantiu a produtividade e classificação do produto final remanescente.

A cultura teve 44,21% de aumento da produção em relação à safra passada em virtude de aumento da área e da produtividade (8,73%), esta última foi fator importante para a tomada de decisão do produtor, que melhorou os tratos culturais. As lavouras foram consideradas com 92% das áreas como boas e 8% como regulares.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2025								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,66	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	9,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,14	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
PR	Centro Oriental Paranaense	5,05	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,43	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	3,64	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,06			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	46,46		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	6,30			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,57		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,84		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
SC	Sudoeste Rio-grandense	3,27		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2023)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a canola vem se consolidando como uma cultura rentável de inverno. Contratada ao preço de soja no início do ano e, agora, negociada sob preço de soja mais bônus, com custo de implantação que girou entre 10 scs/ha e 18 scs/ha, assim, esta cultura garantirá remuneração aos produtores.

Nesse sentido, houve estímulo para uma maior destinação de área à cultura, confirmado-se um expressivo aumento na área total plantada em relação à safra passada.

Ainda que nesta temporada a cultura tenha enfrentado problemas de estabelecimento no início do ciclo, com chuvas excessivas, ocorridas no melhor período de semeadura, que causaram problemas de implantação, na germinação, com erosão nas lavouras, bem como retardaram a semeadura de muitas áreas, o restante do ciclo se deu sob condições meteorológicas muito favoráveis.

Destaque para a fase reprodutiva e colheita, que não teve grandes perdas por intempéries climáticas e problemas fitossanitários. A consequência do clima favorável é perceptível ao analisarmos o número e tamanho de siliquas, estando bem formadas e com número de grãos expressivo, sem grandes perdas.

Durante novembro, as janelas temporais de dias sem chuvas permitiram a intensificação da colheita da canola, permitindo a conclusão das operações. As últimas áreas colhidas foram as concentradas na região Sul e Planalto Superior. A qualidade dos grãos foi boa, com boa granulometria, uniformidade e excelente teor oleico, que gira em torno de 40%.

Paraná: a cultura entrou o último mês já com praticamente toda sua área colhida, logo, o grande volume pluviométrico do período não afetou sobremaneira o potencial produtivo nem a qualidade da cultura.

Este cenário neutro de novembro consolidou os resultados já obtidos, onde, apesar de a área de cultivo ter registrado uma diminuição em relação à temporada passada, a produtividade média atingiu um aumento notável.

CENTEIO

Paraná: o regime de chuvas excessivas de novembro de 2025 impôs uma restrição operacional direta à colheita do centeio, justamente no mês em que a maior parte da área (66%) foi retirada do campo.

No entanto, os efeitos desse clima sobre a cultura não foram prejudiciais à produtividade, visto que o grão remanescente já estava com qualidade e maturação definidas, permitindo que a colheita fosse finalizada nas janelas de estiagem. Dessa forma, o fator climático de novembro não impediu que a produção total fosse impulsionada pela alta produtividade por área, superando o volume da safra anterior, apesar da redução na área plantada.

Cultura com 100% da área colhida, e as condições são consideradas boas em 98% e regulares em 2%.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a colheita da cultura evolui no estado. Cultivada, principalmente, na região mais fria do estado, a cultura é a que apresenta menor evolução da operação entre os cereais de inverno, porém o avanço está compatível com o calendário da principal região produtora.

Em termos de estado, a operação alcançou 87% da área cultivada ao final de novembro. As áreas faltantes, 13%, localizadas no Planalto Superior, estavam todas em maturação. O pacote tecnológico adotado na região, bem como as condições edafoclimáticas, foram favoráveis para a obtenção de altas produtividades.

Em razão da boa qualidade do produto, o preço recebido pelo produtor é significativamente superior ao trigo, proporcionando boa rentabilidade aos produtores.

Paraná: o regime de chuvas excessivas e temporais de novembro de 2025 impôs uma restrição operacional significativa à colheita da cevada, que se concentrou neste mês em 63% da área. No entanto, o fator climático não foi prejudicial, pois a qualidade do grão é considerada ótima e o teor de proteína abaixo de 12%, um índice ideal para o malte, o que consolidou um excelente resultado final para a safra, impulsionado também pelo aumento de área e alta produtividade.

Cultura totalmente plantada e 2% em maturação. Já foi colhido 98%. Ocorreu aumento de área de 33,3% em relação à safra passada, regiões que tinha perdido área, como foi o caso de Guarapuava, que teve recuperação e atualmente voltou a ser a maior produtora, seguida por Ponta Grossa, uma vez que estas duas regiões concentram cerca de 80% da produção parana-

ense. A recuperação e expansão das áreas nestas regiões se deram pelo fato de terem maltarias que absorvem esta produção.

Na maioria das lavouras, além de uma produtividade considerada satisfatória, constatou-se um produto de ótima qualidade.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: está encerrada a safra 2025 da cultura do triticale no estado. A colheita, que havia iniciado em 5% da área em setembro e avançado até 45% em outubro, foi concluída ainda na primeira quinzena de novembro nos 55% da área faltante.

Beneficiada pelas condições meteorológicas majoritariamente favoráveis para a cultura e pela sua característica de maior rusticidade e resistência às doenças, a cultura apresentou bom desenvolvimento vegetativo e sanidade durante boa parte do ciclo.

Apesar das boas condições das lavouras, as chuvas que ocorreram no período de maturação da cultura causaram perdas no peso dos grãos, reduzindo a produtividade obtida nas lavouras.

Diante das informações coletadas junto aos informantes da cultura, a produtividade média final está 12% superior ao estimado inicialmente e 27% superior à safra passada, prejudicada pelas chuvas no período de maturação.

Além das perdas observadas nas lavouras colhidas mais tarde, a redução do preço recebido pelo produtor, vinculado ao preço do trigo, restringiram a rentabilidade dos produtores, mas, de forma geral, garantiram ganhos financeiros. Além da

renda, os produtores também poderão contar com uma boa cobertura de solo, favorecendo boas expectativas para o cultivo da soja.

Em posse das novas informações recebidas do campo atualizamos também a estimativa de área cultivada da cultura na safra de inverno de 2025. A nova estimativa indica uma área cultivada de 3,6 mil hectares, representando uma redução de 25% em relação à safra passada e de mais de 60% em relação à safra do inverno de 2023.

Naquele período, em 2023, ocorreu maior fomento da cultura, visando sua utilização na produção de biocombustíveis, mas em razão da lenta evolução e implantação das plantas industriais, o fomento perdeu intensidade.

Paraná: o clima não afetou a cultura, que foi totalmente colhida em novembro.

Atualmente, já ocorreu a venda de parte do triticale que foi produzido neste ciclo. Cultura de baixa expressão e área.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO Povo BRASILEIRO